PARANHANA LITERÁRIO

editora JM2D
ano 03
edição 17
maio/junho de 2023

POESIA
CONTO
CRÔNICA
ENTREVISTA
LIVRO
OPINIÃO
RESENHA
RESISTÊNCIA

PRA COMEÇAR

PRÊMIO AGES LIVRO ANO 2023

Já estão abertas as inscrições para o Prêmio AGES Livro de Ano 2023. Podem se inscrever autores que tenham publicado obras literárias no ano anterior (2022) nas seguintes categorias: narrativa longa (romance ou novela), narrativa curta (conto ou miniconto), poesia, literatura infantil, literatura juvenil, crônica, texto dramático, não-ficção e especial. O lançamento do Prêmio AGES Livro Ano 2023 foi feito juntamente com apresentação do novo site da Associação Gaúcha de Escritores, em jantar que reuniu integrantes da entidade e da comunidade literária. O Prêmio AGES Livro do Ano 2023 está aberto a escritores de todo o estado ou radicados no Rio Grande do Sul. O edital completo do prêmio e formulário de inscrições podem ser acessados no site ages.org.br

Liana Timm. Presidente da AGES

Foto: Divulgação

EDIÇÃO COMEMORA 20 ANOS DO LIVRO PERDAS & GANHOS

Perdas & ganhos Best-seller da autora gaúcha morta em 2021, Lya Luft retorna em edição comemorativa pelos 20 anos da publicação, com prefácio inédito de Fabrício Carpinejar. O livro ficou 113 semanas consecutivas no topo dos mais vendidos da revista Veja, foi traduzido para 13 países e vendeu quase um milhão de exemplares. Em 2015, foi adaptado para os palcos, em um monólogo de Nicette Bruno, com direção de Beth Goulart.

PRÊMIO MICROCONTO DE OURO COM INSCRIÇÕES ABERTAS

As inscrições para a 3ª edição do Prêmio MicroConto de Ouro vão até às 23h59 do dia 11 de junho de 2023. O prêmio é organizado pela editora gaúcha Casa Brasileira de Livros e tem pagamentos em dinheiro: o primeiro colocado receberá o valor de R$ 1003. Já o segundo colocado receberá R$ 503, e o terceiro colocado, R$ 303. Os autores podem inscrever um texto com limite de 300 caracteres, contando espaços, pontuação e quebra de parágrafo. Cada autor pode inscrever apenas um texto, e não há obrigatoriedade de ineditismo nas peças. O tema é livre e os textos precisam ter autoria única.

ESCRITORES

* Paranhana Literário é uma produção da Editora JM2D
Rua Clemente Heidrich, 37
Igrejinha/RS
Cep 95650-000

Email:
editor@jm2d.com.br

whatsapp:
(51)981368526

* Revista digital voltada para a publicação e divulgação da cultura e literatura brasileira produzida a partir do Vale do Paranhana

* Distribuição gratuita

* Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores

* Para publicar na revista entre em contato por email ou whatsapp

EDIÇÃO, ENTREVISTAS, DIAGRAMAÇÃO E ARTE :
Doralino Souza

CURADORIA E REVISÃO:
Ana Braz
Valter Ribeiro

DESENVOLVEDOR WEB
Junior Souza

*** Periodicidade bimestral**

***Data dessa edição: maio/junho de 2023**

CONTATO:
editor@jm2d.com.br

PREFÁCIO

“Escrever bem é pensar bem, não uma questão de estilo. Os bons sabem de seus muitos erros, os medíocres não sabem coisa alguma. O que há de ser, para você já foi. não se finge o talento - falta de engenho, vento é vento e pó. As letras roubadas são falsas.”

Dalton Trevisan

jamarattigan.com

Foto: Divulgação

João Pedro Eifler - Três Coroas/RS
Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Feevale. Tem 25 anos e atualmente trabalha no ramo de calçados femininos.
@rato_de_sebo

Foto: Divulgação

JOÃO GUIMARÃES ROSA

No dia 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, Minas Gerais, nasceu João Guimarães Rosa, um dos mais renomados escritores brasileiros do século XX. Foi imortalizado por sua habilidade ímpar em retratar a vida e a cultura do sertão brasileiro em suas obras. Sua escrita, marcada pela linguagem rica e poética, é um convite para mergulhar em um universo de personagens complexos e histórias envolventes. Foi médico, diplomata e escritor, sendo também um grande estudioso da cultura popular brasileira. Ele representa um dos mais proeminentes escritores da terceira fase modernista no Brasil.

A obra-prima de Guimarães Rosa, "Grande Sertão: Veredas", é considerada um marco da literatura brasileira. Publicado em 1956, o romance revolucionou a forma de contar histórias, apresentando uma narrativa fragmentada, repleta de regionalismos e com personagens profundos e misteriosos. A escrita única, que mescla o erudito e o popular, cria uma atmosfera intensa e desafiadora, transportando o leitor para as vastidões do sertão e para as questões universais da existência.

Guimarães Rosa recebeu inúmeros prêmios e reconhecimentos ao longo de sua carreira literária, e seu legado continua vivo até os dias de hoje. Seu trabalho influenciou gerações de escritores e leitores, deixando uma marca indelével na literatura brasileira. Através de suas palavras, ele capturou a essência da alma humana, explorando temas como a vida, a morte, o amor e a identidade, de forma profunda e impactante. Seu profundo conhecimento da alma humana torna suas obras uma leitura indispensável para aqueles que buscam uma imersão

Foto: Divulgação

O LIVRO ESSENCIAL

O Grande Sertão Veredas é uma obra extensa com mais de 600 páginas, dividida em 2 volumes e não em capítulos. A história é contada por Riobaldo, um ex-jagunço, que relata suas aventuras e desventuras no sertão, mergulhando o leitor em um mundo repleto de conflitos e dilemas éticos. Guimarães Rosa utiliza uma linguagem poética e original, criando um universo literário que desafia as convenções e nos faz refletir sobre a natureza humana e suas complexidades. Foi traduzida para muitas línguas e recebeu diversos prêmios, dos quais se destaca o Prêmio Machado de Assis, recebido em 1961.

SARAU VERSOS E NOTAS

Fotos: Divulgação

Depois de assistir uma apresentação de piano com a leitura de um texto, no Café Zimt und Zucker em Berlin, Conça Dornelles, se inspirou a fazer algo parecido, mas com poesia, em Porto Alegre/RS. Quando retornou ao solo gaúcho conheceu o café FonFon, que havia sido inaugurado há pouco tempo. Conversou com os donos Bethy Krieger e Luizinho Santos e iniciaram juntos, em novembro de 2012, o projeto do Sarau Versos e Notas. Formada em Letras Português e Francês, com mestrado e doutorado em teoria da literatura, Conça Dornelles é também poeta com publicação em antologias e um livro solo. Ela diz que seu desejo, através do sarau, é que o público seja de apreciadores de poesia e música, de todas as idades e de todas as condições sócio-econômicas possíveis. A divulgação é feita por meio da Internet, Rádio e TV eventualmente. Pretende seguir realizando saraus em Porto Alegre e onde mais for convidada. A poeta conta que já houve apresentações em café e teatros da Alemanha e Áustria e em vários cafés de Porto Alegre, bem como duas vezes no projeto Évora do Teatro São Pedro, na capital gaúcha.

Fotos: Divulgação

Fotos: Divulgação

Fotos: Divulgação

Fotos: Divulgação

Fotos: Divulgação

"Levar a poesia e a música para cafés e teatros num formato espontâneo ao público . Tocando o coração das pessoas e expandindo o leque cultural da cidade, ainda levar com sutileza e muitas metáforas temas delicados e belos aos ouvidos de quem quer se deliciar com as aventuras poéticas musicais. Queremos alcançar todo e qualquer público que goste de escutar versos e notas, abrangendo toda comunidade."

"Na música buscamos músicos mais vinculados ao Jazz, pelo caráter espontâneo do sarau, sem ensaio, onde as combinações nascem no próprio palco. Poetas até o momento foram sendo chamados os mais diversos do cenário porto alegrense."

"A comunidade é sempre convidada através de todas as mídias, tais como: Jornal, rádio, tv, facebook, instagran... O Sarau não tem microfone aberto."

"Nossa maior dificuldade é encontrar locais com piano e que o público seja preparado para escutar, não fazemos em barzinhos, apenas cafés e teatro, e pagar com dignidade a participação dos músicos e poetas, já que contamos apenas com a entrada, não há apoio cultural algum até o momento, além dos trabalhos apresentados nos teatros."

"Levar arte através da poesia e música com qualidade e abordando temas pertinentes as questões humanas...amor, filosofia, psicologia, questões sociais, étnicas, culturais. Convidamos os músicos e poetas do Estado, não apenas os mais conhecidos, mas também os desconhecidos do público."

Página www.facebook.com/ VersoseNotasConcaDornelles

Fotos: Divulgação

APOIO CULTURAL

Arte 24 horas por dia, 365 dias por ano.

arteviva

um alento no caos

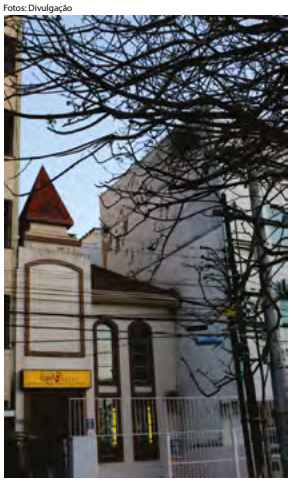
www.radioarteviva.com

BAMBOLETRAS

A livraria que fez morada em uma igreja

Foto: Redação

Fotos: Divulgação



A mudança de endereço iniciou um novo capítulo na história da Bamboletras", Milton Ribeiro. Proprietário

Foto: Redação

Se você estiver pela capital gaúcha e quiser viver uma experiência singular, vá visitar a Livraria Bamboletras, a única do Brasil situada numa antiga igreja. A Bamboletras é uma das mais tradicionais livrarias de Porto Alegre/RS, no entanto, após enfrentar desafios durante a pandemia, precisou se reinventar e buscar um novo lar. Foi então que a livraria encontrou abrigo em uma antiga igreja, adicionando ainda mais história ao seu legado. O livreiro, que também é escritor, Milton Ribeiro relembra que a livraria estava há 26 anos no mesmo local e isso causou certa apreensão quando veio a notícia da necessidade de troca de endereço. A busca por um novo espaço para o acervo levou à descoberta da antiga igreja, uma estrutura carregada de significado e simbolismos.

"Em um primeiro momento, achei a proposta de alugar uma antiga igreja um pouco estranha. É uma ideia meio europeia, pois na Alemanha e na Holanda, é comum prédios de igrejas se tornarem outra coisa, principalmente livrarias. Mas aqui seria

algo totalmente novo. Deu um frio na barriga, fiquei pensando que poderia ser um lance muito ousado", conta.

A jornada da Livraria Bamboletras durante a pandemia não foi fácil. As portas fechadas, a incerteza pairando no ar e a necessidade de se adaptar às restrições exigiram resiliência e criatividade por parte da equipe. "Foi um período desafiador, mas também um momento de reflexão e reinvenção. A mudança de endereço trouxe consigo novo ânimo e iniciou um novo capítulo na história da Bamboletras", reflete.

A nova localização da Livraria Bamboletras, na antiga igreja, adicionou um toque especial à experiência literária. Os vitrais, antes iluminados pelas preces, agora filtram a luz do sol sobre as estantes de livros, criando uma atmosfera de serenidade e inspiração. Alguns detalhes arquitetônicos, portas e janelas, a torre da igreja e a aura de história que permeia o local transportam os visitantes para um universo mágico.

A Livraria Bamboletras abriga uma ampla variedade de títulos, desde os clássicos atemporais até as obras contemporâneas mais aclamadas. Além de seu vasto acervo, a livraria também promove eventos culturais, como lançamentos de livros, palestras, debates e encontros com autores.

Por enquanto, a Bamboletras ocupa a sala central do andar de baixo, mas há outros espaços no andar de cima, onde morava o padre, um longo corredor lateral e um pátio arborizado nos fundos. Milton planeja utilizar esse pátio para realizar lançamentos de livros e outros eventos, principalmente durante o verão. Também está nos planos a instalação de um café, algo que, segundo Milton, vem sendo muito solicitado pelos clientes.

O prédio, localizado na rua Venâncio Aires, nº 113, pertence à Igreja Nova Apostólica, uma igreja protestante restauracionista surgida na Alemanha em 1863, que se baseia na Bíblia conforme a interpretação dos apóstolos e chegou ao Brasil em 1928, com uma missão numa comunidade alemã que vivia no bairro de Santana, em São Paulo. Mas agora é uma livraria, uma bela e tradicional livraria que vale a pena ser visitada. E, ao visitar a Livraria Bamboletras na sua nova morada, você estará apoiando não apenas um espaço de livros, mas também uma comunidade inteira que acredita no poder transformador da literatura. Permita-se explorar as prateleiras cuidadosamente selecionadas e encontrar tesouros literários num acervo excelente com os cuidados e atenção que somente os bons livreiros, temente ou não à Deus, podem oferecer.

Foto: Redação

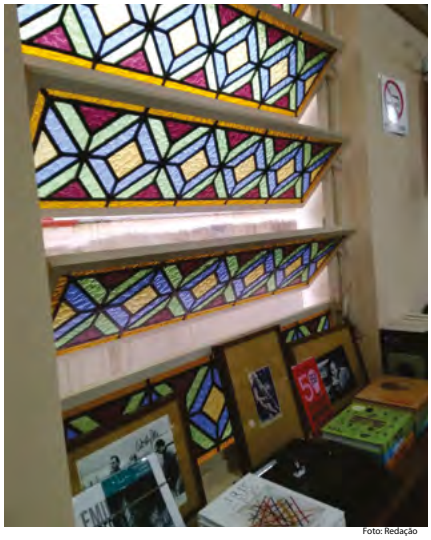


Foto: Redação

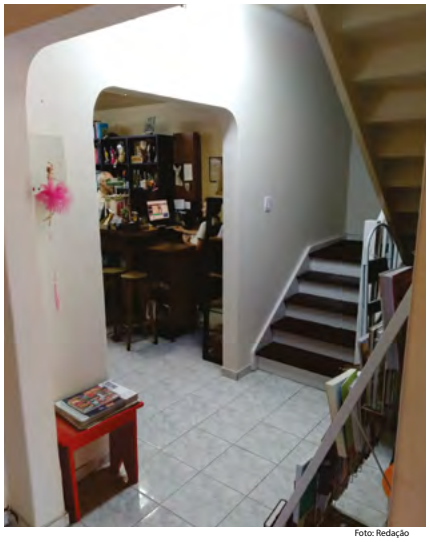


Foto: Redação

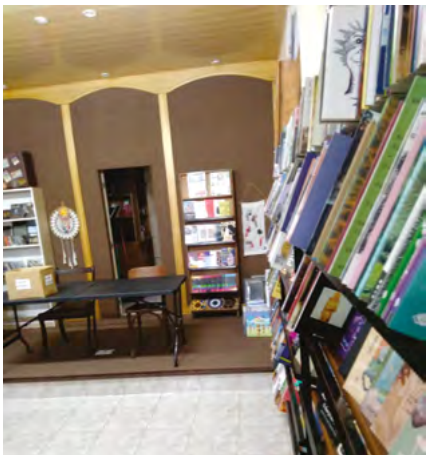
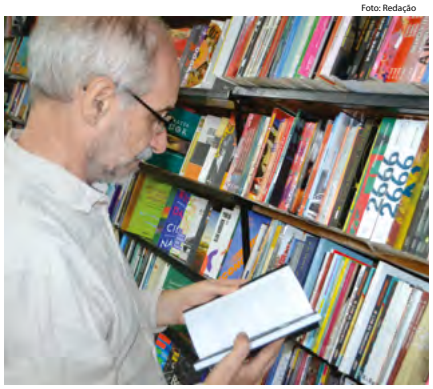


Foto: Redação



MARIO AUGUSTO POOL

Foto: Divulgação

"Acho que é um dever do escritor abordar assuntos que no mínimo causem desacomodação e nos faça abrir espaços para novas reflexões a velhos problemas que nos seguem no curso da história."

Nascido na cidade de Rio Grande, Rio Grande do Sul, em 1964, Mario Augusto Pool fez da vida acadêmica a sua profissão. Formado em Pedagogia Multimeios e Informática Educativa, é Doutor em Educação e atua como gestor educacional no ensino superior. Casado, pai de três filhos, mora em Porto Alegre por adoção e paixão. Desenvolveu metodologias educacionais baseadas em jogos e nos desafios educacionais criativos com o uso de RPG, contendo pesquisas de campo associadas aos seus estudos na informática educativa e na gamificação. Foi o fundador e Diretor da ULBRA TV (educativa) onde produziu projetos na área do jornalismo, e teledramaturgia. Como escritor, além de artigos lançados em periódicos nacionais e internacionais, publicou duas importantes obras que tratam do comportamento das juventudes frente às novas tecnologias. Lançou-se como escritor ficcional em 2016 a partir da sua formação nos cursos da Editora Metamorfose. Publicou nas coletâneas "Diálogos" (2016), "Anti Heróis" (2017) e "Contos de Mochila" (2018). Entusiasta dos contos, novelas e romances, encontra, no desafio da escrita, sua realização máxima, ao dar vida a personagens que construíram o seu imaginário e fizeram parte da sua jornada. Em "No Nevoeiro", entrega aos seus leitores a sua primeira novela, inspirada no seu envolvimento com os esportes náuticos e no clube de vela em que convive com a sua família.

Quando surgiu o escritor de ficção Mario Augusto Pool?

Surgiu da necessidade de buscar uma outra forma em dar vazão à minha criatividade. Na época que comecei a escrever me sentia represado pela escrita acadêmica, trabalho com Educação Superior e por anos a escrita técnica e os artigos científicos bem como livros nesse sentido era o meu único espaço para publicações. Em 2014 iniciei um curso de formação de escritores e a partir daquele momento fui me aventurar na escrita ficcional, a partir daí não parei mais de escrever.

Como tem sido tua trajetória até aqui? Quais as maiores dificuldades enfrentadas?

Considero uma trajetória de muita persistência e luta, embora sinta que quanto mais eu leio e mais escrevo mais consigo evoluir, tanto na narrativa como nas ideias, ser ainda um autor independente representa a maior dificuldade enfrentada. Existe a necessidade de se trabalhar o livro após o seu lançamento, o que as editoras

naturalmente fazem por seus escritores, no meu caso sou eu que preciso planejar, divulgar, participar e gerar eventos para que os livros ganhem notoriedade e abrangência. Mas como não estou sozinho nessa jornada e atualmente o número de autores independentes é grande, me sinto acolhido e fazendo parte de um movimento que trabalha diferente, que não faz feio e não deixa de contribuir com a literatura nacional.

O que almejas com a tua escrita?

Carrego na veia a missão de ser professor por profissão e paixão. Neste sentido, formar leitores é o meu maior objetivo, em seguida, ser um autor gaúcho reconhecido, pelo menos no Rio Grande do Sul, ter uma certa notoriedade nos meus livros ainda é um objetivo também.

Acreditas que a literatura precisa ser engajada em causas sociais e políticas ou deve ser puro entretenimento?

Acredito que sim, é claramente possível entreter trazendo temas de relevância social e que defendam causas universais. Acho que é um dever do escritor abordar assuntos que no mínimo causem desacomodação e nos faça abrir espaços para novas reflexões a velhos problemas que nos seguem no curso da história. Penso que o autor tem um compromisso com o resgate e a evolução de causas perdidas, mostrar personagens que se superam e que nos fazem ressignificar valores em desuso sempre será a melhor causa.

E como avalias o atual mercado literário?

É um mercado em explosão, no bom sentido, ele cresce rapidamente. Existe um universo de novos autores surgindo a cada ano e penso que da mesma forma novos leitores que correspondem. Mesmo sendo o Brasil um dos países onde ainda se lê pouco, existe essa expectativa de crescimento e de gosto pelos livros e pela leitura. Por isso formar leitores é o que pode garantir um mercado editorial próspero. Percebo muitas políticas públicas nascendo a favor do livro e da leitura e isso não só ajuda a formar mais leitores como serve de apoio a escritores, editores e livreiros, ter recursos, financiamentos e programas de expansão a leitura só faz bem. Sou otimista sempre!

Na tua opinião as novas tecnologias ajudam ou atrapalham os escritores?

No meu caso ajudam e muito, desde a invenção da máquina de escrever o escritor passou a usar tecnologia, e se formos olhar mais para trás, com a invenção da prensa de Gutemberg em 1450 a editoração também passou a existir sob a forma de tecnologia. Atualmente os meios digitais ajudam e dão velocidade e performance na publicação e produção de livros. No mesmo sentido podemos pensar que as redes sociais e o mundo digital só fortalecem e criam modais para a leitura em diferentes plataformas e meios de distribuição. Todo escritor de hoje possui sua rede e alimenta com novidades os seus leitores próximos ou distantes, no meu caso não é diferente e graças a estas tecnologias é que posso me manter como escritor, mesmo precisando trabalhar em outros segmentos para o sustento.

E qual a diferença entre escrever para o público juvenil e o adulto?

O público juvenil possui uma crítica encantadora, com menos filtros e posições muito pessoais, são bastante exigentes quanto a forma da narrativa e a coesão dos acontecimentos na história. Sabem diferenciar o livro que gostam e descartam de cara aquilo que não faz muito sentido para o seu momento de vida. Já o público adulto é mais benevolente, consegue abstrair o que é mais significativo a partir dos capítulos de uma obra, compram livros muitas vezes, por indicação e não se prendem somente na capa. O leitor adulto ajuda a evoluir um escritor pela forma como se conecta com a narrativa e como busca na maioria das vezes a interpretação subentendida, aquela menos direta e mais lírica. Penso que escrever para os dois públicos só fortalece o escritor em todos os sentidos.

Foto: Divulgação

Na zona sul de Porto Alegre, o astuto e fantasioso Augusto decide investigar, junto aos seus amigos Fabiano e Murilo, os movimentos de um estranho vizinho que passou a morar na casa de dona Alba, moradora antiga do bairro Vila Assunção e que se mudou para um lugar desconhecido.

Foto: Divulgação

O Antiquário é um romance que narra as relações do reencontro de um pai e seu filhoem meio a uma trama internacional de contra espionagem e crimes políticos

E as feiras de livros que ocorrem em cidades do interior? O que achas dos formatos?

Aqui no Rio Grande do Sul somos um estado privilegiado, temos 500 municípios e 338 feiras, um status que poucos possuem. Vejo nelas a melhor forma da imersão popular na literatura. Aquelas cidades que têm o privilégio de apresentar suas feiras em locais abertos (praças, parques, etc…) ainda conseguem trazer o clima da sociabilidade e do bem comum, é um espaço plural ao mesmo tempo que humaniza. Sempre encontraremos numa feira do livro aquele volume de cinco reais que fica na estante dos saldos e que irá satisfazer a leitura de alguém. As feiras não devem morrer e precisam ter investimentos cada vez maiores, para autores independentes como eu, ter estes espaços são vitais para se manter a carreira de escritor, é onde nos encontramos presencialmente com o público que servimos.

Qual a circunstância que tu consideras perfeita para escrever?

Ando muito tocado por movimentos sociais que nunca participei e que na minha juventude e no início da vida adulta não despertaram a minha atenção. Gosto de dizer que parei de olhar para o meu umbigo e prestar atenção no meu entorno. O livro e a escrita são ferramentas poderosas quando bem direcionadas e com a intencionalidade definida. Estou me envolvendo com causas sociais que julgo importantes principalmente as que combatem o racismo, uma vez que me descobri negro já na vida adulta, ter tido pais das duas raças talvez tenha contribuído para esta miopia. Por isso, posso afirmar que as circunstâncias atuais são as melhores para escrever sobre temas que possam combater preconceitos e injustiças. Racismo, branquitude, negritude e a indiferença humana tem me atraído muito e definido uma missão.

A Revista Paranhana Literário é bastante lida por autores iniciantes e aspirantes a escritores. Que conselho daria para quem está começando?

Primeiro ame a escrita, se você já está decidido a escrever se lhe faltar este amor talvez lhe falte fôlego, pois o caminho é áspero e bastante exigente. Se você está decidido a ser escritor, "Não largue o osso" nunca! É necessário estar muito envolvido com o mundo que te cerca, escrever com propriedade pode levar tempo, mas é um caminho essencial para a sua evolução como escritor. Não tente escrever a literatura de momento se você não tem muito a contar sobre isso, existem ciclos na literatura de ficção (hora são vampiros, hora fadas e gnomos, hora princesas e castelos) busque escrever o mais simples possível sobre coisas que te tocam, talvez aí sim você se descubra um excelente narrador. Tenha causas a defender, e não se preocupe com a forma, ela leva tempo e um dia você terá construído a sua gênese ao narrar aquilo que gosta. Fazer um curso de escrita criativa é um bom conselho e encurta caminhos. Sempre tive dificuldades com a língua portuguesa, desde os tempos da vida escolar, mas os livros me atraiam muito mais do que as dificuldades com a gramática, fiz um curso! Busque aquilo que te incomoda, o desconforto com as palavras só vai fazer você melhorar e crescer como escritor. E por último, não fique sozinho, crie grupos, conheça autores, participe de eventos, troque ideias e não se esqueça de todos os dias tocar num livro, essa conexão é mágica e vai te manter lúcido para saber que é isso mesmo que você quer fazer daqui para frente.

E quais os novos projetos do escritor Mario Augusto Pool?

No momento estou acompanhando a revisão de um dos meus romances (O Antiquário) para a língua inglesa e preparando o relançamento do livro juvenil "Bomani e as torres malditas", tenho um romance em andamento chamado "O Lacaio" e no prelo um novo livro juvenil, provavelmente a continuação da novela "O Vizinho Alemão", que foi o livro mais vendido e que rendeu duas indicações, uma ao prêmio Jabuti de 2021 e neste ano a indicação ao Troféu Açorianos de melhor livro Juvenil.

"O livro e a escrita são ferramentas poderosas quando bem direcionadas e com a intencionalidade definida."

Foto: Divulgação

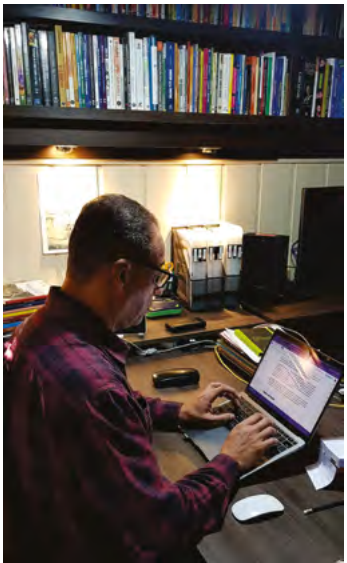


Foto: Divulgação

O AUTOR T.S. MARCON RESPONDE CINCO PERGUNTAS SOBRE O SEU LIVRO DIÁRIO DA CASTRAÇÃO

1. O que o livro DIÁRIO DA CASTRAÇÃO tem que justifique a leitura?

O autor é sempre a pessoa mais suspeita, ou menos indicada, pra falar do próprio livro. Como o diário da castração foi lido por alguns ótimos escritores antes de ser publicado, colegas meus da oficina de escrita do Amilcar Bettega, dá pra dizer com boa margem de segurança que o livro tem boas doses de amor, humor, ironia, reflexão e uma trama movimentada. Ah, e boas fotografias em preto e branco.

2. A história contada no livro é totalmente fictícia ou traz, de algum modo, vivências ou memórias autobiográficas?

Mesmo que se escreva em terceira pessoa, utilizando-se de uma personagem diferente da figura do autor (o que não é o caso do diário da castração), tudo será sempre um pouco autobiográfico. No meu romance, busco explorar os meandros e as potencialidades da autoficção. Penso que o mais importante numa história não é se ela aconteceu ou não de fato, mas sim, se ela pode tocar de alguma forma o leitor. Se é ou não uma boa história. O escritor deve almejar riso e a lágrima, como dizia Gógol.

3. O livro tem o papel de suscitar debate sobre o período pandêmico ou é puro entretenimento?

De certa forma, além de acontecimentos da trama, o narrador e algumas personagens divagam sobre as questões trazidas pela pandemia. Em determinado momento, um professor de biologia conversa com o protagonista e o debate ruma para indagações filosóficas do tipo: o vírus pode ser considerado um ser vivo? Tecnicamente não, pois ele não tem capacidade própria de reprodução. Mas como ele sabe o que fazer quando

infecta uma célula? Entre outras perguntas que talvez ainda não tenhamos uma resposta convincente...

4. Desde quando esse livro esperava para ser escrito?

Comecei a escrevê-lo em março de 2020, bem no estouro da pandemia, com toda aquela dose de espanto e surrealismo de ter de higienizar tudo, de ter medo até de tocar em maçanetas, enquanto nos chegavam imagens de caixões empilhados em Veneza. Acho que a escrita dele foi válvula de escape e, ao mesmo tempo, laboratório pra criação ficcional.

5. O que tu almejas conseguir com a publicação do livro DIARIO DA CASTRAÇÃO?

Que o livro possa encontrar bons leitores.

Foto: Divulgação

T.S. Marcon, Tiago Sozo Marcon, nasceu em 1975. É escritor, fotógrafo e arquiteto, formado pela UFRGS. Em 2015 fez parte da turma de 30 anos da oficina de escrita do professor Assis Brasil e publicou "Deus veste legging", livro de crônicas. Desde então tem participado de diversas antologias de contos. Como fotógrafo, já recebeu menções honrosas em Bienais. "Diário da castração" é seu primeiro romance.

POR MARTHA ANDRADE SILVA*

Foto: jamarattigan.com

A LINGUAGEM ALÉM DA LETRA, OU: MINHAS PRIMEIRAS AVENTURAS COM MACHADO DE ASSIS

A partir deste mês, esta coluna se chamará Além da Letra. Escolhido por mim e aprovado pelo editor, o nome remete a uma questão que considero muito importante na área da linguagem e diz respeito à leitura e ao ensino: a compreensão de textos.

A compreensão da linguagem – ou seja, a compreensão de um texto – é uma questão interessante para quem estuda Letras ou, até, para quem apenas se interessa pelo mundo da leitura e da escrita. Compreender um texto vai muito além daquilo que dizem as letras, formando palavras que, por sua vez, formam frases, parágrafos. Não é muito difícil entendermos que nem só de letras, palavras etc. (sobre)vive nossa comunicação, oral ou escrita. Basta, por exemplo, considerarmos as cores. Uma cor pode ter muitos significados. Tomemos o vermelho: em um jogo de futebol, é uma cor que, como outras, relaciona-se a bandeiras e camisetas de alguns times. Já na mão do juiz, é expulsão. Em outro contexto, como o trânsito, vermelho indica um tipo de interdição: não pode passar, tem que parar etc. Claro, isso é compreendido, nesse caso, porque a cor, normalmente, alia-se a outros signos, como setas, formatos de placas, entre outros.

Por aí já se vê que a leitura depende da nossa capacidade de irmos além das letras.

Outro exemplo: por que escrevi, logo ali acima, "(sobre) vive", e não apenas "sobrevive", sem os parênteses, ou "vive", sem o "sobre"? Porque eu quero dizer algo mais do que, costumeiramente, os verbos "viver" e "sobreviver" podem dizer. Eu posso querer dizer, quem sabe, que a comunicação tanto "vive" como "sobrevive" na contemporaneidade, por diversas razões, entre as quais pode estar o uso constante de imagens como forma de expressão. Nada contra esse uso, é só exemplo mesmo, e você, que lê este texto, talvez faça outras inferências a respeito do meu "(sobre)viver". Tudo bem. Você que lê, então o texto também é seu.

O papel de quem lê é tão relevante quanto o de quem produz um texto, e é o que faz da leitura uma espécie de parceria: alguém escreve, o outro interpreta, fazendo inferências, tirando conclusões, levantando dúvidas, procurando contra-argumentos. Tudo isso passa pelo que se denomina compreensão de textos.

Porém, compreender, às vezes, pode ser complicado. Não é à toa que uma das principais dificuldades de estudantes, na aula de língua portuguesa, é a compreensão de textos. A isso se soma o fato de que essa habilidade não se atém à aula de língua, mas se estende a outras, pois em todas há leitura. Ler é compreender, e compreender, como me referi antes, não é só ler palavras, juntá-las em frases e em parágrafos. Claro, isso faz parte: trata-se da decodificação. Mas ler não se resume a decodificar.

Assim, se ler é compreender, há outras habilidades implicadas aí, como aquelas que arrolei acima: inferir, concluir, questionar, contra-argumentar. Uma dessas habilidades, a de fazer inferências a partir daquilo que se decodificou, depende, muitas vezes, de conhecimentos ativados pelo leitor ao longo do processo de leitura. Essa ativação acontece, por exemplo, quando lemos uma charge, um cartum, ou, mesmo, quando ouvimos uma piada: nem sempre rimos daquilo que está explícito no texto, seja por meio de imagens, seja de palavras. É aquilo que está implícito, não dito, que nos faz rir e, portanto, compreender o humor, a ironia do texto. Não estou dizendo que se, por acaso, não tivermos achado "engraçado" o texto humorístico,

isso signifique que não o compreendemos – mas até pode ser que isso aconteça. Justamente, a compreensão depende da ativação de conhecimentos que são prévios à leitura – aquilo que se denomina "conhecimento de mundo". São os conhecimentos que acumulamos ao longo da vida, as experiências pelas quais passamos, as leituras que fazemos, as ideias que trocamos. Essa é uma das razões por que um texto pode nos parecer difícil em determinado primeiro momento: pode ser que não tenhamos conhecimentos prévios suficientes para que o processo de compreensão (e, portanto, a leitura) se efetive.

Enfim, tenho umas histórias a esse respeito, que envolvem leitura literária e, especificamente, minhas primeiras leituras de Machado de Assis.

Li "Dom Casmurro" aos treze anos. Estava habituada a outro tipo de romance, linear, com narrativa de estrutura canônica, com resolução de conflito ao final – na época, minhas preferências (e meu conhecimento prévio no que dizia respeito ao gênero literário romance) eram livros de mistério. Por isso, achei tremendamente complicada aquela "conversa sem fim" do narrador, que achava que sua mulher o havia traído. Em minha ingênua leitura de então, eu esperava que o narrador dissesse como e quando a traição havia se consumado: era isso que eu queria ler. Provas, eu queria provas. Muito tempo e muitas leituras mais tarde, entendi que Capitu foi condenada sem provas – e, muito mais, que ficar tentando descobrir se ela traiu ou não tiraria metade da graça desse romance.

Voltando àquela época, tudo o que eu conhecia de Machado até ali era um conto, que sempre aparecia nos livros didáticos ou, então, figurava como texto-base em trabalhos de compreensão de texto, que valiam nota: "Um apólogo". Aos treze anos, tantas vezes já tinha lido esse texto e respondido a questões sobre ele que quase o sabia de cor. "De novo esse aí", eu me lembro de pensar. O que não quer dizer que o tivesse compreendido de primeira, embora, contendo uma moral ao final do enredo, se aproximasse de outros textos conhecidos, as fábulas. Só que as fábulas têm animais falantes como personagens, e os apólogos têm seres inanimados, que, como os animais das fábulas, assumem atitudes e sentimentos inerentes aos seres humanos. No caso do apólogo de Machado, agulha e linha discutem quem era a mais importante na confecção de um vestido de baile. Entram em jogo aí a vaidade e o sentimento de superioridade: a agulha diz que é muito mais importante porque ela é que abre o caminho, na costura do vestido, e a linha lhe responde, desdenhando, que os batedores do rei também vão à frente do cortejo, e não são importantes. Depois, a agulha se gaba por sempre estar próxima à costureira, entre os dedos dela, mas a linha não está nem aí: lembra que, terminado o trabalho de costura, a agulha vai para a caixa de costura e fica em casa, enquanto ela, a linha, é que acompanha a dona do vestido ao baile, como parte da roupa. Aí, um alfinete resolve consolar a agulha e lhe dar uma espécie de lição de moral: "Cansas-te em abrir caminho para ela, e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.", disse ele.

Então, o narrador, em primeira pessoa, aplica esta: "Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!" E finda o apólogo.

Muito bem, guardadas possíveis interpretações para quem, na vida, "se sente com a linha", ou quem "age como agulha" ou, ainda, como o alfinete, o que me chamou à atenção, naquela época, foi a expressão "professor de melancolia". Nunca tinha relacionado o termo "professor" a "de melancolia".

Dúvida estampada na cara, que me impedia de pensar em outra coisa a respeito daquele conto, perguntei a uma colega o que ela achava que significasse "professor de melancolia".

Com uma cara não muito diferente da minha, a colega disse: "sei lá. Vai ver que era uma matéria que tinha nas escolas daquela época". Ou seja, melancolia, para ela, era algo que se ensinava na escola.

Bem, percebi que ela talvez não soubesse o que era melancolia, e eu continuava sem entender o que poderia significar um "professor" daquilo. Ela leu as letras, eu também. Ela interpretou, eu boiei. Se sua interpretação era possível, ou correta, ou aceitável, já é outra história.

* Mestre em Letras – Literatura Brasileira e professora de Língua Portuguesa e Literatura, com atuação na escola básica e no ensino superior. Leitora e defensora do livro e da literatura. Mora em Porto Alegre/RS.

Foto: Divulgação

O LUGAR

Foto: jamarattigan.com

ELENILTO SALDANHA DAMASCENO
São Leopoldo/RS

A leitura de "O lugar", da escritora francesa Annie Ernaux, agraciada com o Prêmio Nobel de Literatura em 2022, tocou-me especialmente de duas formas, como filho e como pai trabalhador. Embora seja uma escrita de autoria feminina, a figura do pai desponta como elemento central dessa narrativa de memórias pertencente a um gênero literário contemporâneo, apontado como "autossociobiografia", caracterizado pela ficcionalização de fatos pessoais e reais. A autora/narradora retrata as relações e os ambientes familiares em sua infância e juventude. A obra representa, com profundidade, as marcas persistentes dos lugares sociais os quais constroem e consolidam identidades e subjetividades tatuadas por afetos, impressões, sensações, traumas e vazios. Nas interações de convívio e formação familiares e comunitárias, emergem conflitos e se desenvolvem experiências que induzem ou predispõem a destinos delineados pelas circunstâncias sociais com as quais os indivíduos se confrontam, muitas vezes, sem oportunidade de escolha nem recuo.

A narrativa de Annie Ernaux impressiona pelo seu trabalho intencional de construção da representação de seu pai como um homem comum. Para instaurar esse distanciamento, a caracterização dos espaços e lugares de origem e de convívio com o progenitor colabora para a composição da ambientação que representa, de modo conotado e implícito, a superficialidade dos laços afetivos e os constantes e crescentes sentimentos de inferioridade e de vergonha. Assim, o lugar social delimita e obstaculiza a manifestação da personalidade. O meio social representado na narrativa predetermina as relações humanas, as quais se limitam a situações de vida cotidianas e medianas, medíocres no sentido não pejorativo. É o que o filósofo francês Gaston Bachelard conceitua como topoanálise ou análise poética do espaço, "o estudo psicológico sistemático dos recantos de nossa vida íntima" representados pela ambientação na criação literária.

Nesse contexto social de trocas afetivas e recursos materiais precários, o trabalho torna-se instrumento de conformação, de modelação do indivíduo ao meio, uma espécie de ilusória projeção de um sentido para a vida. Nessa perspectiva alienante, o trabalho também é considerado a principal possibilidade de transformação e libertação desse tipo de existência, a partir da promessa de vir a propiciar condições para uma futura ascensão econômica e social, ao menos para a prole, para a próxima geração. Assim se reconfigurou o núcleo familiar patriarcal na sociedade capitalista moderna em cuja estrutura de classes a autora/narradora reconhece e rechaça seu lugar de origem social.

À medida que ela, filha, acessa melhor formação educacional, a partir de condições financeiras propiciadas, em grande parte, pelo trabalho paterno braçal, assalariado ou autônomo, aumenta o distanciamento entre ambos, pois ela reconhece e se envergonha das condições sociais de inferioridade de seu ambiente familiar, desse seu lugar de formação. O abismo entre ambos se amplia à proporção que o pai percebe e também se constrange por essa situação, a ponto de sua maior preocupação e também orgulho, por muitos anos, ser resumida nesta declaração: "Eu nunca te fiz passar vergonha". Na realidade, por mais que tenha se esforçado para isso, a filha sempre teve vergonha dele, desde o instante que reconheceu o lugar de sua família e sua classe social, vinculados a serviços subalternos, cotidianos e desprovidos da necessidade de formação

educacional e desenvolvimento intelectual.

A filha acessa essa formação e rompe esse limite. Torna-se professora, ingressa no mundo acadêmico. Ou seja, se insere em um contexto social diferente daquele de seu lugar de origem, mas as marcas deste persistem e se expressam em seus relatos e memórias, forçosamente impessoais, os quais, na realidade, mascaram (ou tentam esconder) ressentimentos e a constante vergonha de tudo e de todos que a fazem recordar de onde vem. Mesmo que tenha saído daquele lugar, ele não saiu dela.

A morte paterna é o fato que a impele a se confrontar, de vez, com essa condição conflituosa dentro de si, essa separação entre quem pensa que é e quem é e se recusa a ser. É após a morte do pai que, então, compreende o "seu maior orgulho, ou até mesmo aquilo que justificava a sua existência: que [ela] fizesse parte de um mundo que o desprezou". Esse desprezo do mundo também foi constituído pela vergonha que ela sentia dele. O maior orgulho do pai, homem comum e inculto, foi ver a filha tornar-se professora, adentrar e conquistar o espaço ou lugar em que ela suplantaria sua anterior condição de inferioridade social. Esse momento de perda e de compreensão do pai, agora para sempre ausente, também é instante de autorreconhecimento de que seu novo lugar, o ambiente acadêmico, lhe causa desânimo, e de que o tempo de escrita dessas suas memórias, intercalado com incessantes e maçantes atividades intelectuais de profissional de ensino assalariada, lhe causava "a mesma sensação que o luxo, um sentimento de irrealidade, uma vontade de chorar". Enfim, esse outro lugar não é o seu lugar.

A partir dessa leitura de que a autora/narradora lida, através do registro de suas memórias, com esses sentimentos de perda e de vazio, ainda é interessante pensar sobre a escolha da epígrafe da obra como mais um índice que corrobora na validação dessa interpretação entre tantas possíveis. É plausível considerar a existência de uma intenção subjacente nessa escrita, relacionada a uma leitura extensiva ou a um sentido essencial que a obra suscita: a vergonha. A epígrafe escolhida por Annie Ernaux remete a texto de Jean Genet: "Arrisco uma explicação: escrever é o último recurso quando se traiu".

Eu, você, todas e todos viemos e estamos em um lugar, geralmente provisório, mas que se manterá sempre presente, de alguma forma, como espaço que nos constituiu. Reconhecer essa condição talvez seja uma atitude mais madura do que negá-la, renegá-la, ou envergonhar-se dela. Talvez seja o recurso anterior ao escrever sem, de fato, trair ou se trair (a si).

* Professor de Língua Portuguesa e de Literatura, escritor, revisor e jornalista. Mestre em Letras/ Estudos de Literatura e especialista em Literatura Brasileira. Autor do livro "Textos do Novo Testamento nas crônicas de Machado de Assis" (Editora Dialética, 2021), finalista do Prêmio AGES 2022 na categoria não ficção.
Site: www.eleniltodamasceno.com

Foto: Divulgação

Por Doralino Souza

Foto: jamarattigan.com

O AUTOR INICIANTE PRECISA SE COMUNICAR (E BEM) COM A IMPRENSA

A carreira literária é um mundo fascinante, mas também cheio de desafios, principalmente para o autor independente ou iniciante. E nessa jornada a comunicação com a imprensa desempenha um papel crucial para o sucesso de um autor. Estou lançando meu quarto livro solo, e, em todos os lançamentos, a minha relação com o pessoal da imprensa foi fundamental para que eu conseguisse divulgação. Baseado no que já deu certo, e nas falhas e erros que cometi, vou elencar cinco pontos importantes para estabelecer uma boa relação com nossos amigos da mídia, que certamente poderá ajudar a promover seu trabalho literário. Vamos lá!

Construa relacionamentos: Estabelecer conexões com jornalistas, blogueiros e influenciadores literários é essencial. Participe de eventos literários, encontros de escritores e grupos de discussão. Compartilhe seu trabalho, crie parcerias e esteja presente nas redes sociais. Cultive relacionamentos duradouros e genuínos com a imprensa literária.

Desenvolva um press kit: Já ouviu falar em press kit? Ele é um conjunto de informações que inclui sua biografia, sinopse dos livros, fotos de alta qualidade e links relevantes. Certifique-se de atualizá-lo regularmente com as informações mais recentes sobre suas publicações e eventos. Isso facilitará o trabalho dos jornalistas ao escreverem matérias sobre você. Assim, quando um jornalista pedir informações sobre sua obra, o press kit já estará a mão e ninguém perde tempo.

Conte histórias interessantes: Eu sempre digo que é necessário criar fatos literários para alimentar a imprensa, pois, muitas vezes, só o lançamento do livro não basta. Ofereça aos jornalistas histórias interessantes e exclusivas relacionadas à sua carreira literária. Destaque elementos únicos de seus livros, suas inspirações, desafios enfrentados durante a escrita e conquistas

"Lembre-se de que os jornais, sites e rádios precisam de conteúdo, então, dê esse conteúdo. No meu caso, eu elaborei release e mandei, junto com fotos e material do livro, para todos os sites, jornais e rádios onde eu tinha contato. Em todas as vezes, busquei adicionar algo que tornasse aquela notícia mais interessante."

pessoais. Algum projeto que esteja envolvido, alguma doação de livros, participação em causas que defenda o livro e leitura etc. Quanto mais envolvente e inspiradora for a história que você conta, maior será o interesse da imprensa em compartilhá-la com seu público.

Esteja preparado para entrevistas: Treine suas habilidades de comunicação para entrevistas com jornalistas. Leia entrevistas com outros autores e responda (para você mesmo) as perguntas. Prepare-se para os questionamentos sobre sua trajetória literária, processo de escrita, temas abordados em seus livros e opiniões sobre o mundo literário. Seja autêntico, claro e conciso em suas respostas, transmitindo sua paixão pela escrita.

Aproveite as redes sociais: Utilize as redes sociais como uma ferramenta poderosa para se conectar com a imprensa e ampliar seu alcance. Compartilhe notícias sobre seus eventos, lançamentos e conquistas literárias. Interaja com jornalistas, respondendo a perguntas, compartilhando matérias em que você foi mencionado e marcando-os em publicações relevantes. Se você mostrar que a sua pauta é interessante, eles irão noticiar.

Foto: jamarattigan.com

Com uma comunicação eficaz com a imprensa, você construirá uma base de apoio para impulsionar sua carreira literária. Lembre-se de que os jornais, sites e rádios precisam de conteúdo, então, dê esse conteúdo. No meu caso, eu elaborei release e mandei, junto com fotos e material do livro, para todos os sites, jornais e rádios onde eu tinha contato. Em todas as vezes, busquei adicionar algo que tornasse aquela notícia mais interessante. No livro "enquanto espero o troco do café" usei o fato de estar abordando a literatura minimalista que, de certa forma, é uma novidade e dialoga com as redes sociais. Esse detalhe, "dialoga com as redes sociais" foi o diferencial para que os veículos noticiassem e até me dessem espaço para entrevistas. Quando lancei o livro 'Anjos também usam boné" usei o fato de ser histórias baseadas no período em que fui Conselheiro Tutelar. Isso gerava um fato curioso que ultrapassava o simples lançamento de um livro. Ou seja, cada obra é um caso singular e sua divulgação deve ser bem pensada pelo autor para gerar o melhor resultado na hora de buscar parceria com a imprensa.

E lembre-se; ninguém gosta daquilo que não conhece, então, meu caro escritor iniciante, torne-se conhecido.

* Doralino Souza é escritor e ativista cultural. Jornalista com especialização em Educação, Cultura e Diversidade. Idealizador e editor da Revista Paranhana Literário e Repórter Cultural da Rádio Arteviva. Autor dos livros Enquanto espero o troco do café (2023) Dentes no copo de uísque (2019) O cânion de dentro (2016) e Anjos Também Usam Boné (2014). Tem participação em diversas antologias e premiações literárias.

Foto: Divulgação

METAFÍSICA DO AMOR

VALTER RIBEIRO *

Igrejinha/RS

Quando me esperas pulsando desejo
os lábios quentes e úmidos
me lambem a língua
adentro teu corpo ardente
sem oferecer-te flores

Quando escuto teus frêmitos gemidos
meus lábios lascivos
profanam teus seios
com beijos furtivos
que liberam teu pudor mais reprimido

Quando nossas línguas se entrelaçam
nossos corpos se encaixam em chama
como se um só fossemos
num novo universo paralelo
que surge em cima da cama

Quando atingimos o céu
a face da criação
entre pele, pelo e orgasmo
um gozo metafísico
inunda nosso quarto.

Foto: Divulgação

Formado em Letras – Português e suas respectivas Literaturas. Poeta, ativista cultural, militante do Livro e Leitura e um dos editores da revista Paranhana Literário. É professor, resenhista e membro fundador da Associação Lítero Cultural Igrejinhense (ALICI).

DIVINA

CARLOS HAHN *

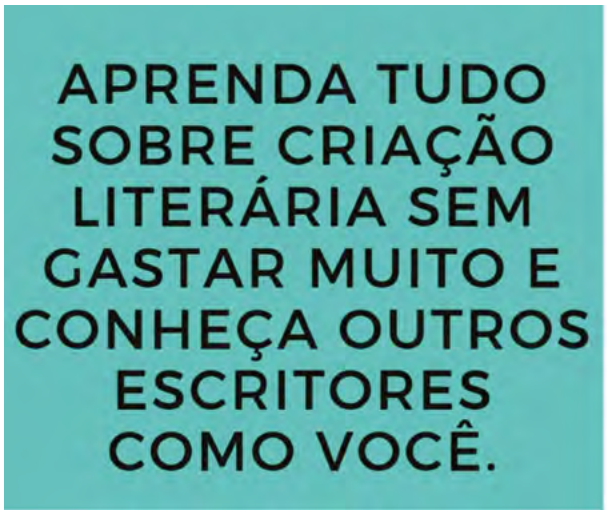
Bonito / PE

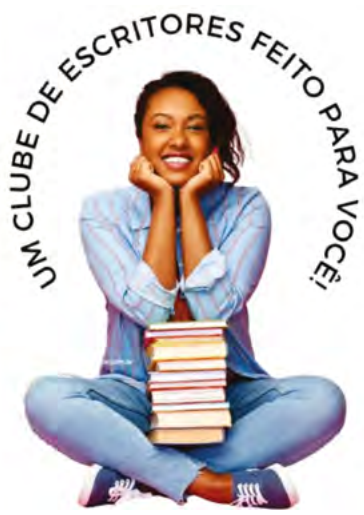
O coração da Deusa pôs a luz em movimento
Para que as crianças alegrassem a solidão do universo
E ao longo dos milênios a semente da soberba do homem se espalhou
Para que ele ao fim se humildecesse e pedisse perdão
E se encantasse com o movimento da dança da luz
Que a Deusa semeou ao vento com o coração

* Trabalhou nas redações dos jornais Correio do Povo, Jornal do Comércio e Zero Hora. Publicou o livro "Cristais Colhidos na Névoa", em 2019. Lançou o álbum "Auroras na Barriga", em 2021.

Foto: Divulgação

PUBLICIDADE





ENIGMA

JEANE IMTHON *
Curitiba/PR

um grito risca o silêncio
mancha
de breu vermelho
a madrugada
que em mim ferve

o mistério persiste
incógnito
indecifrável
lençóis matutinos
imaculados

carrego para a labuta
estranhamento
pressentimentos (talvez)

no reino de morpheus
o mistério é cativo
(tão cativo quanto eu)

a mente
obsessiva implora
a esfinge
imperativa ordena
Decifra-me!

tudo que lembro
fragmentos pontiagudos
o sal secando na pele
tremores involuntários
o despertar precoce

arauto do apocalipse?
mensagem emudecida
de sonhos interrompidos
chave simétrica do destino

* Formou-se em Engenharia Química pela UFPR.
Servidora pública de profissão e escritora por paixão. Seu conto “Eu me lembro” está entre os vencedores do concurso Off-Flip 2021.

Foto: Divulgação

O POETA SOFRE

MAXIMILIANO DA ROSA*
Novo Hamburgo / RS

o poeta
sofre,
parece uma sina
e
todo esse contentamento ao contrário
simplesmente jorra e às vezes
e
s
c
o
r
r
e
...
perna abaixo
e todo mundo ao redor olha e acha até
engraçado,
não vê o quanto é triste
(como se fosse normal
esse jeito de sentir as coisas
como se a gente, por ser poeta, fosse
obrigado a ser decifrador automático
das verdades ocultas da vida)

Foto: Divulgação

* É desenvolvedor de aplicativos e blogueiro. Participou de diversas antologias. Em 2020 publicou se primeiro livro, “O Land Rover Negro e a Caixa de Drops”. Em 2022 publicou “Ofertas Imperdíveis” e lançou o seu primeiro livro de poesias chamado “a hora de massacrar idílios”.

QUEIMADAS

ROSANGELA MARIANO *
São Leopoldo/RS

Queimaram
as folhas de lavanda, o lilás virou breu...
fogo vermelho e assassino nas pétalas cheirosas de hortelã...
Queimaram
os caules suculentos das árvores sonhadoras das laranjeiras em flor...
Queimaram
os cactos, estrelas pontiagudas e... os espinhos mormacentos
sucumbiram à dor...
Queimaram
o capim verde, suado dos pés calejados, mapas de sonhos, lutas e
esmeraldas...
Queimaram
o coração da mata, pulverizaram o voo alado do mágico beija-flor...
- Ah! E o bem-te-vi!!
Queimaram
as águas murmurantes, doces... dos riachos dançantes...
- Ah! Chora Iara, Mãe das Águas!!
Queimaram
o lar da onça pintada, do macaquinho inocente, da cutia vigilante,
das formigas pensantes...
Queimaram nossa natureza!!
Condenaram às lágrimas gerações inteiras...

* Poeta com diversas premiações em Concursos Literários. Teve poema selecionado para a Antologia Poemas da Terra, WebTV, a ser exibido em 19/05/2023. Também teve poesia Alerta classificada para a Revista Literária Ecos da Palavra, Edição nº 15.

Foto: Divulgação

PUBLICIDADE

O leitor que estiver procurando informações sobre livros, filmes e séries de terror, suspense e horror gótico tem um endereço certo; O Escuro Medo. Criado pelo escritor e editor Daniel Gruber e logo recebendo a colaboração dos também escritores, Ismael Chaves e Irka Barrios, dois conhecidos autores da cena de terror, a empreitada atualmente se divide em três ramos: o Blog, onde se concentram as resenhas, tanto de livros, como de filmes e séries, o Clube de Leitura Escuro Medo, iniciado em junho de 2021, com a finalidade de ler e discutir obras de horror, e o perfil Escuro Medo no Instagram, onde são divulgados oficinas e resenhas de obras de diversas editoras parceiras. Ainda, segundo a autora Irka Barrios, a Escuro Medo também publica, e acaba de lançar a Coleção Férias Macabras. A seguir uma breve entrevista com Irka Barrios sobre a literatura que causa medo.

O que leva as pessoas a consumirem histórias de terror e suspense?

Tantas coisas… Eu já li inúmeras explicações, sabe? Esses dias li alguém dizendo que o horror da ficção se sobrepõe ao horror do dia-a-dia, por isso é um alívio fechar o livro e retornar ao mundo real. Comigo não é assim. O horror da ficção, para mim, atua direto nas minhas emoções. Se eu gosto da história é quase como se eu experimentasse uma voltinha na montanha-russa. O bacana do horror é que ele consegue te despertar reações físicas. E tem outras coisas importantes, como a sensação de catarse. Precisamos disso, dessa purificação (mesmo que ficcionalizada). E tem a identificação com o monstro, a possibilidade de viver e cometer coisas horríveis, que você jamais cometeria. Tem o nosso fascínio pela violência e pelo grotesco, tem muita coisa que tentamos esconder embaixo do tapete e o horror nos permite extravasar sem culpa.

Ainda existe preconceito com literatura de gênero, principalmente com as nacionais?

Quando se está muito inserida no meio, como é o meu caso, a gente não nota esse preconceito. Mas quando saio da bolha eu percebo, sim. Dia desses, no shopping, passei por uma feira que tinha uma gôndola enorme com os livros da Dark Side Books. Só vi um autor nacional. Perguntei ao livreiro, ele respondeu que autor internacional vende mais. Estou até agora intrigada sobre isso, porque a qualidade dos livros da Dark Side, que é excelente, não muda conforme a nacionalidade do autor. Então, o problema é preconceito e desconhecimento dos profissionais que atuam na distribuição e venda. Acho que influencers e booktubers estão mudando essa cultura. Também penso que valeria a pena outras iniciativas das editoras para badalar um pouco mais os autores e autoras nacionais.

Os livros de terror e suspense de autores nacionais estão conseguindo alcançar o espaço merecido?

Acho que o interesse tem crescido bastante, o que é ótimo. Mas sou sonhadora e sempre acho que podemos mais.

Cite 3 livros de terror ou suspense para quem quer iniciar a leitura do gênero:

"O iluminado", de Stephen King, "Kentuckis", da Samantha Schweblin e "A vegetariana", de Han Kang . Os três trazem questões sociais bem importantes, só de modos diferentes. O primeiro é um dos que mais me assustou no sentido sobrenatural, mas não deixa de ser um drama relacionado ao isolamento, dramas familiares, frustrações e alcoolismo. O segundo é assustador porque nos joga no absurdo da precarização das relações humanas. Muito contido, meio disfarçado até, ele tá dá umas facadas bem fundas. O terceiro assusta porque fala da condição da mulher, da opressão no casamento e na família, e no fardo que é fazer uma escolha (que muitas vezes não é escolha).

E 2 (ou mais) novos autores do gênero que ainda ouviremos falar bastante?

Nossa, tem tanta gente boa no horror nacional. Vou citar dois que ainda não estão com seus livros solo publicados em editoras, mas espero vê-los bombando breve: Andrezza Postay e Roberto Denser.

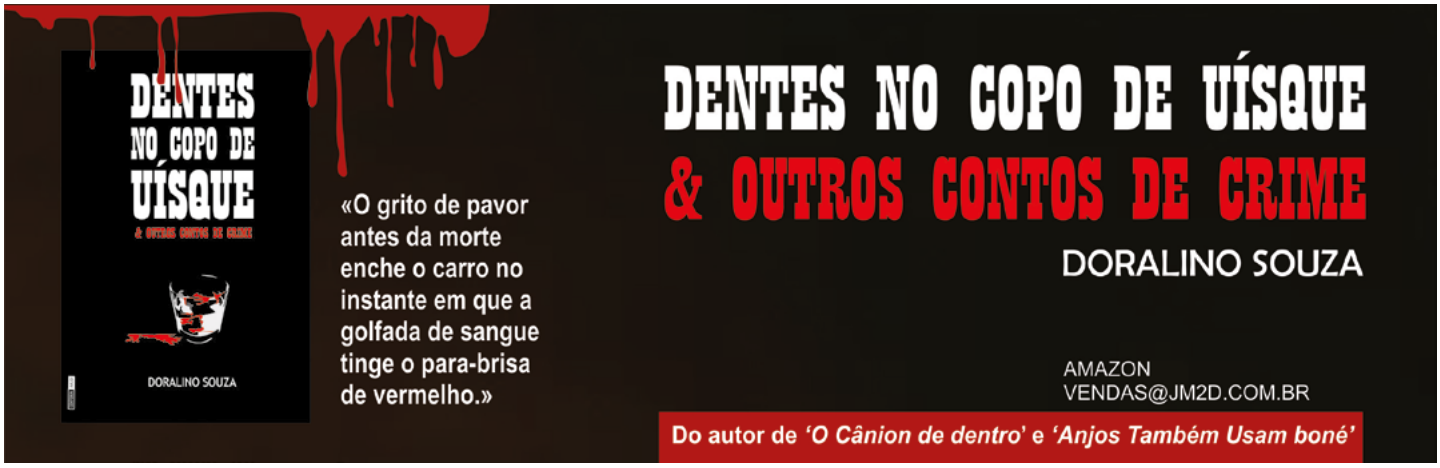
Quais os novos projetos envolvendo o Escuro Medo?

Eu espero ampliar o Clube de Leitura, trazer mais pessoas interessadas no horror, fazer lives, convidar autores e autoras para falar de suas obras. Gosto muito de mediar as discussões e as leituras. Quero que o mundo inteiro curta as narrativas de horror.

https://www.instagram.com/irkabarrios/
https://www.instagram.com/escuromedo/
https://escuromedo.wordpress.com/

link para ingresso no Clube de Leitura Escuro Medo
https://chat.whatsapp.com/IsdMlkzyFLSF0Zlhx8K5gR

PUBLICIDADE



Por Heleno Jr *

O CORVO,
DE JAMES O'BARR

Foto: Divulgação

O Corvo foi desenvolvido originalmente em 1981. Seu autor foi o roteirista e desenhista James O'Barr. O título foi uma publicação independente, sem nenhuma grande editora por trás.

Se você for um iniciante no mundo das HQs, possivelmente não deve conhecer esse título aqui, um dos mais importantes, cultuados e reverenciados dos anos 80. Se for fã de cinema, deve ter assistido o filme de mesmo título, produzido nos anos 90 e estrelado pelo ator Brandon Lee. Pois saiba que o filme é uma adaptação dessa obra.

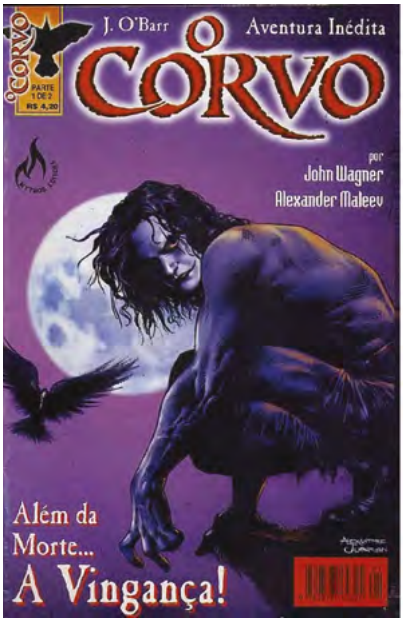
O Corvo foi desenvolvido originalmente em 1981. Seu autor foi o roteirista e desenhista James O'Barr. O título foi uma publicação seriada independente, ou seja, não havia nenhuma grande ou famosa editora por trás. Entretanto, tornou - se uma das publicações mais bem sucedidas da indústria, com pelo menos 750 mil cópias vendidas.

Infelizmente a concepção da obra é ligada a uma tragédia pessoal envolvendo o autor James O. Barr. No final dos anos 70, ele perdeu a namorada, vítima de um atropelamento por um motorista bêbado. O James psicologicamente se sentiu culpado, pois a namorada a seu pedido, tinha saído para se encontrar com ele. O futuro quadrinista passou um enorme tempo em depressão e carregando o luto pela perda da garota. Outra trágica inspiração real foi o assassinato real de um casal motivado pelo roubo de um par de alianças baratas. Nesse processo, ele concebeu uma trágica história envolvendo elementos sobrenaturais, onde um homem volta da morte para se vingar. Aquela foi a forma que ele encontrou para expurgar seus demônios pessoais.

O Corvo se inicia apresentando o tétrico personagem Erick Draven, uma espécie de morto vivo que está numa missão pessoal. Em sua primeira aparição, ele interroga um ladrão a respeito do paradeiro de 5 figuras: T-Bird, Tom Tom, Funny Boy, Top Dollar e Tim Tim. O meliante responde o agredindo com uma faca, mas o ferimento não causa efeito algum. Pelo contrário, o misterioso Erick de forma zombeteira volta a interrogar o meliante. Dessa forma, ficamos conhecendo o personagem central e dúvidas ficam no ar. O que ele quer com essas pessoas, de onde ele veio e quem ele é? Não demora e os primeiros nomes que ele procura são encontrados, e Erick os elimina de forma brutal. As dúvidas persistem e as respostas só virão no decorrer da história.

Vale citar os vários detalhes na concepção da obra. A história se passa em preto e branco. James a produziu totalmente de forma manual, até o preenchimento dos diálogos nos balões. A arte é bem interessante de se observar, com seus traços concebidos em nanquim.

Foto: Divulgação



Em forma de flashback, ficamos conhecendo o passado do Erick e se trata de um passado extremamente triste. O rapaz, há um ano, era noivo da jovem Shelly. Perdidamente apaixonados, eles eram noivos e planejavam se casar em breve. Certa noite, trafegando por uma estrada deserta, o carro onde o casal se encontra apresenta um problema e Erick para na tentativa de conseguir resolver. É quando o casal é abordado pelos 5 personagens citados, que sem motivo algum, atiram em Erick duas vezes e em seguida, atacam e violentam Shelly. O absurdo continua quando eles seguem abusando da jovem, mesmo morta. Erick não morre de imediato e assiste toda a barbárie. Mais tarde, eles são encontrados, o rapaz ainda chega vivo ao hospital, mas falece.

O espírito parte para o reino dos mortos carregando um enorme sentimento de tristeza, dor e culpa, por não ter conseguido proteger sua amada e não encontra a paz. Ele precisa se vingar. Um ano depois, um corvo resgata esse espírito e o traz de volta, agora dotado com poderes sobrenaturais. Erick só conseguirá descansar ao se vingar dos responsáveis, portanto, ele inicia uma caçada atrás de todos, guiado pela misteriosa ave. O personagem conta agora com as ferramentas necessárias para isso. Ele não sente mais dor, uma vez que seu corpo suportou todas as dores possíveis antes da morte, agora é invulnerável e possui força sobre humana.

Criador e criatura se misturam nas páginas dessa HQ. O'Barr preenche seu Erick Draven com um enorme sentimento de melancolia e sombriedade. O personagem carrega consigo uma dor e uma sensação de impotência ante a tragédia vivida e o James deixa isso implícito no seu olhar desolado e no calvário que ele se impõe ante a missão de encontrar os responsáveis e os punir da pior e mais lenta forma possível. Draven carrega um sofrimento que não é atenuado nem mesmo quando ele pune os criminosos. Sua sensação de perda é comovente, ele sabe que uma vida se foi, uma história foi interrompida, não haverá uma segunda chance e isso o deprime cada vez mais. Ante os fatos e sentimentos vividos, não tem como não sentir empatia pelo personagem.

Mas O Corvo não é uma história unicamente de vingança. Paralelo à violência, e acredite, ela não é pouca, o James não economizou nesse conceito, o que faz do Corvo, uma das mais violentas HQs dos anos 80, (lembrando que ele estava exorcizando seus demônios através dessa obra), temos também uma história de amor. Os flashbacks resgatam os intensos momentos entre o casal e fica explícito todo o amor que eles tinham um pelo outro, o que justifica agora o sofrimento do protagonista e seu desejo de vingança. Testemunhando tudo isso, passamos a sofrer e até compartilhar a dor do personagem e de seu criador, uma vez que os sentimentos dos dois são únicos. Dificilmente uma HQ conseguiu expressar de forma tão efusiva um sentimento de perda.

Vale citar os vários detalhes na concepção da obra. A história se passa em preto e branco. James a produziu totalmente de forma manual, até o preenchimento dos diálogos nos balões. A arte é bem interessante de se observar, com seus traços concebidos em nanquim. Nas sequências em que ele se vinga dos bandidos, os desenhos são carregados. Já as cenas envolvendo ele e sua amada, a arte é bem mais simples e definida. Esses contrastes são para referenciar o presente do personagem, agora movido pela depressão e vingança e como no passado ele foi muito feliz. A HQ também possui um ambiente gótico e O'Barr buscou inspiração em músicas de várias bandas, como The Cure e Joy Division para conceber determinadas sequências. O lirismo se faz presente tanto nos capítulos

O Corvo foi republicado por aqui em 2018, em uma edição definitiva em capa dura pela editora DarkSide. Ela abre com um prefácio escrito pelo James onde ele explica a respeito dos desafios da republicação e até relata a respeito da tragédia pessoal que o levou a conceber a obra.

Foto: Divulgação

como nas falas do Erick, principalmente quando ele encara seus algozes e declama poesias com um certo tom mórbido

O Corvo foi republicado por aqui em 2018, em uma edição definitiva em capa dura pela editora DarkSide. Ela abre com um prefácio escrito pelo James onde ele explica a respeito dos desafios da republicação e até relata a respeito da tragédia pessoal que o levou a conceber a obra.

É impossível finalizar sem citar o filme estrelado por Brandon Lee, que infelizmente morreu antes da conclusão das filmagens. É quase obrigatório ler a obra e assistir na sequência, o filme. Como toda obra adaptada, ele modifica alguns detalhes, mesmo conservando os personagens da HQ. O filme foi dirigido pelo Alex Proyas e ele mantém grande parte da ambientação dos quadrinhos, com um clima gótico, cenas escuras em ambientes degradantes e uma excepcional trilha sonora recheada de muito heavy metal.

Foi o personagem da curta carreira do inesquecível Brandon Lee. Embora sua filmografia tenha sido pequena, O Corvo é o filme pelo qual ele é referenciado até hoje. Em comparação com o quadrinho, os fãs alegam que a obra original consegue ser ainda melhor que a cinematográfica, pois na HQ, o personagem é mais definido, existe um aprofundamento em seu desenvolvimento.

o nunca foi um monstro e o monstro nunca foi humano. "Lição de Anatomia" é até hoje reconhecida e celebrada como uma das mais famosas histórias do personagem.

Foto: jamarattigan.com

É impossível comentar sobre O Corvo sem citar o filme estrelado por Brandon Lee, que infelizmente morreu antes da conclusão das filmagens. É quase obrigatório ler a obra e assistir na sequência, o filme.

*Heleno Junior Mora em Caruaru/ Pernambuco. É Formado em contabilidade e aficionado por cinema, quadrinhos e cultura pop, consome, estuda e pesquisa o tema, tendo colaborado por 4 anos com o Blog Infinitamente Nosso.

Foto: Divulgação

CÉU PASSOS

ESCRITORA E COLAGISTA

Foto: Divulgação

A ilustradora e artista que fez a capa dessa edição é de Belém do Pará. Seu nome é Célia Lemos, mas usa o pseudônimo Céu Passos. Servidora Pública, formada em Turismo e pós-graduada em Gastronomia, escritora e colagista. Além disso, Céu Passos gosta de trabalhos manuais diversos, em especial costura, bordado, e mais recente, a encadernação artesanal. Sonhadora, acredita num mundo melhor e, ainda, acredita no ser humano. Mas concretamente ela sonha em se dedicar à escrita, às colagens e à encadernação artesanal.

Como você começou a trabalhar com colagens digitais?

Gosto de artes em geral, mas me apaixonei pelas colagens digitais e as inúmeras possibilidades de combinar imagens, elementos, signos, para criar outras imagens. Durante a pandemia participei da Oficina Zine Virtual no projeto A Arte da Palavra do Sesc, com a professora Pati Peccin. Depois dessa oficina inicie uma produção mais rotineira de colagens.

Quais são as principais diferenças entre as colagens físicas e as colagens digitais?

A principal diferença é a materialidade da colagem. Nas colagens digitais a produção é virtual e o recorte das imagens é feito por meio de programas específicos. Já nas colagens físicas (ou analógicas) o trabalho é todo manual, no sentido de usar fisicamente uma tesoura ou estilete. Nas colagens analógicas é quase impossível refazer uma arte. Isso porque depois que os recortes são colados qualquer alteração resultará em uma outra colagem, ou seja, não dá pra desfazer o que já está colado sem danificar a imagem produzida. No caso das colagens digitais as alterações podem ser feitas, dependendo do programa, infinitamente, inclusive criando uma colagem totalmente diferente da inicial, porém preservando a primeira. Outro diferencial é que nas colagens analógicas as texturas e os diferentes materiais são percebidos pelo tato.

Em fevereiro de 2021 Céu Passos participou de um movimento mundial de escrita coletiva. Começava ali um desafio que mudou sua vida e despertou o desejo genuíno de escrever.

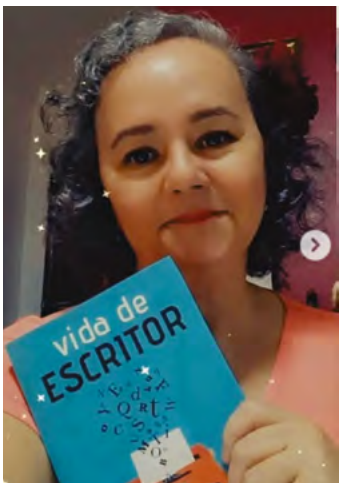


Foto: Divulgação

Você tem algum artista favorito que trabalha com colagens digitais?

Sim, muitos. Inclusive conheci alguns no mundo virtual e nas oficinas de colagens. Atualmente participo da Tertúlia Colagista da Rede Collage Brasil, onde muito colagistas divulgam suas artes. Seria injusto citar apenas alguns. Por isso, recomendo fortemente, que visitem a página da Rede @redecollagebrasil para conhecer esses artistas e suas obras maravilhosas.

Como você seleciona as imagens que serão usadas em suas colagens digitais?

Primeiro escolho o modelo. Sempre parto de um corpo, preferencialmente masculino ou feminino, e de um tema ou desafio. A partir do modelo, do tema ou desafio início a produção da colagem. Aos poucos vou compondo a arte e incorporando os elementos. É um processo muito instintivo, como entendo que deva ser a colagem.

Qual é o papel da tecnologia na criação de colagens digitais?

Eu diria que é assustadoramente fascinante. Os programas estão sempre atualizando, apresentam mais recursos e cada vez mais sofisticados. Isso pode ser um problema para a criação artística? Só o tempo nos responderá. Porém, a capacidade inventiva e artística do ser humano sempre supera as adversidades. Um artista sempre terá a seu favor uma história de vida que reflete em sua arte. A sua maneira de ver e ler o mundo é um grande diferencial.

Como se chama a colagem que será a capa da revista e qual o processo de criação?

Título: Sonhar acordada. Quando recebi o convite logo pensei em fazer uma colagem que tivesse como tema o livro, a leitura e o universo das histórias que os livros contam. Por isso pensei em uma pessoa concentrada, entregue ao livro e que por meio da leitura, sai do mundo real e entra no mundo dos sonhos.

Quais os planos e projetos futuros envolvendo tua arte?

Quero continuar estudando. Sou curiosa e gosto de aprender coisas novas. E só com estudo e dedicação consigo aperfeiçoar a técnica e trabalhar em outros programas. Inclusive estou começando a fazer colagens analógicas. E também quero comercializar as minhas colagens.

Foto: Divulgação

Veja as obras da artista em:
Instagram @ceu_passos

Foto: Divulgação

Para fazer a capa da revista a artista pensei em uma pessoa concentrada, entregue ao livro e que por meio da leitura entra no mundo dos sonhos.

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

Foto: jamarattigan.com

A PRÓXIMA ESTAÇÃO

Paola Marina Pessoa *
Porto Alegre/RS

A gente acorda cedo, levanta e faz um café... Se arruma rapidamente para passar o dia fora e só retornar para casa junto com a chegada da noite. Chega em casa, come alguma coisa, toma um banho, assiste algo na TV e vai dormir. No outro dia, repete o mesmo processo. Acorda cedo, levanta e faz um café... E no dia seguinte, também...

Mas onde foi parar todo o resto? Era essa a vida com que sonhávamos? Onde foi parar a magia, a música, a poesia? As risadas, os encontros interessantes e as pessoas? O que aconteceu com o tempo, com as visitas, com as ligações?

Aparentemente, fomos engolidos pelo tempo... Talvez a razão para contarmos sempre as mesmas velhas histórias seja não possuirmos novas histórias para contar... E quando a gente vê é metade do ano, o friozinho da manhã já é aparente e acordar cedo para fazer um café já fica um pouco mais difícil... Saímos na rua, mas onde estão as folhas das árvores? Já é outono! Estão todas no chão...

Mas onde estávamos durante todo esse tempo? O que foi feito entre acordar e dormir? O que fizemos na primavera? E o que faremos quando chegar o inverno?

A velocidade dos carros nas ruas se torna ínfima perto da velocidade do tempo... E uma incontestável regra sobre o tempo é que ele produz, inevitavelmente, longas distâncias, entre coisas, dias e pessoas... Mas o principal problema das distâncias produzidas pelo tempo é que não importa o que se faça, não se pode voltar...

Será que estamos vivendo do jeito errado? Ou de repente as coisas ficaram assim? Será que era isso que havíamos sonhado? Ou será que o sonho chegou ao fim?

Pensamentos complexos, perguntas sem respostas, mas tudo isso ficará para amanhã porque já é tarde, logo, é preciso dormir para amanhã acordar cedo, levantar e fazer um café...

Mas e se amanhã tudo for diferente? E se amanhã não houver café? Se as folhas não estiverem no chão?

Então não sei, talvez no fundo, ninguém saiba...

Acredito que seja prudente tentarmos dormir logo para não corrermos o risco de novamente sermos pegos de surpresa pela próxima estação...

Colunista, advogada, mestranda, especialista em direito administrativo e em gestão pública, conselheira municipal de cultura e autora de artigos e capítulos de livros científicos publicados.

Foto: Divulgação

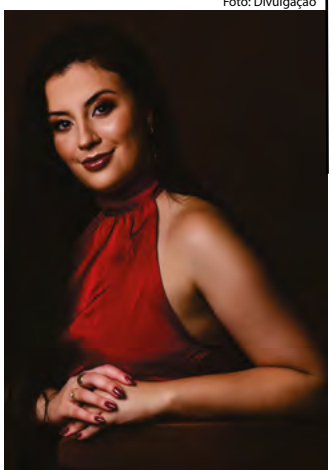


Foto: jamarattigan.com

TENHO MILHAS A PERCORRER ANTES DE DORMIR

Dora Lampert *
Novo Hamburgo/RS

Oração que a jovem aprende de seu poeta. Desde que a li, repito essa reza todas as noites.

Tenho esse hábito, desde quando compreendi o quanto um escritor pode influenciar a vida: colecionar frases que me marcaram. Elas ajudam a dar norte, ou sul, quando caminhos se embaralham.

E para falar de literatura, assunto sério, complexo, do qual vislumbro apenas a ponta do iceberg - você já viu essa figura - invoco Wislawa Szymborska: "Também o poeta, se é um poeta de verdade, deve repetir constantemente para si mesmo: "não sei". Cada poema seu é uma tentativa de resposta, mas assim que ele coloca ponto final, já o espreita a dúvida, já começa a se dar conta de que aquela é uma resposta temporária e totalmente insuficiente. E assim, tenta mais uma vez, e mais outra e depois os historiadores da literatura juntam tudo com um grande clipe essas sucessivas provas de sua insatisfação consigo mesmo e chamam-nas de sua "obra"."Esse pequeno trecho do discurso de aceitação do prêmio Nobel de Literatura de 1996, Wislawa Szymborska, poeta polonesa, jamais deixou de me encantar.

Eu não sei. Por esse motivo início com essa frase do livro Vamos comprar um poeta do escritor português Afonso Cruz.

Quanto vale um poema ?

Com o intuito de fazer pensar sobre o utilitarismo e o papel da arte num mundo (fictício?) onde tudo é absurdamente mesurado, numa sociedade dominada pelo materialismo onde tudo é quantificado, percentualizado, a troca de afeto contabilizada, famílias têm seus artistas em vez de animais de estimação. É a grande questão colocada nesse livro que traz uma narrativa humorada e leve sem perder a seriedade que a literatura merece;

Cruz, escritor, ilustrador, cineasta e músico, nasceu em Figueira da Foz, a beira do Atlântico, Portugal, no ano de 1971. Publicou romances, teatro, não ficção, ensaios, álbuns ilustrados, novelas juvenis e uma enciclopédia inventada

* Publicou seu primeiro livro de poesias RUÍDO SILÊNCIO e participou da antologia POETICOIA, ambos pela OIA editora, em 2022. Colaboradora no Jornal Timoneiro de Canoas desde o início desse ano, e desde sempre no Paranhana Literário. Instagram @doralampert doralampert1960@gmail.com

que conta com sete volumes. Escritor premiado com livros traduzidos para vinte idiomas.

Entrou em minha vida através de meu grupo de literatura que é a melhor forma de se conhecer escritores que, talvez de outra forma, jamais teria conhecimento. Ler e conversar com amigos sobre suas impressões da leitura é uma das experiencias mais ricas que se pode ter.

"Nunca li um bom verso que não voasse da página em que foi escrito. A poesia é um dedo espetado na realidade.

Um poeta é como quem sai do banho e passa a mão pelo espelho embaciado para descobrir o seu próprio rosto."

Foi isso que a menina ouviu de seu poeta, e passou a limpar os espelhos na esperança de desembaciar a vida. Ela sabia que muitas mudanças ocorreram em sua vida (e na minha) graças a ele.

Tão interessante quanto a reflexão proposta por Cruz, é a tensão de um mundo movido pela noção de resultado como benefício material. E imediato! O grande desconforto dos personagens com aquilo que não tem "porquê" e nem "fim", as inutilidades tão amadas por Manuel de Barros, mestre em livrar as coisas de suas respectivas coisicidades.

Literatura e cultura constroem tudo o que somos. São tão fundamentalmente importantes, dotadas de tal força, que se não fossem, a Biblioteca de Alexandria não teria sido queimada., nem os budas ou as ruinas de Palmira teriam sido atacados. Provavelmente Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto teria sobrevivido por ainda alguns anos não fosse dele roubada a vida por ser Pablo, o Neruda.

Livros não teriam virado cinzas na Berlim de 1933, na insipiente tentativa de eliminar Marx, Kafka, Mann, Einstein, Freud, que na época teria feito o comentário com seu amigo Ernest Jones: "Que progresso estamos fazendo. Na Idade Média, teriam queimado a mim; hoje em dia, eles se contentam em queimar meus livros." Ingênua ironia ante o fato de que mais tarde teríamos os campos de extermínio em massa.

Nem tudo vira poema, mas podemos tentar com que cada poema lido, cada história escrita ou recitada vire um mundo; uma sinalização de que apesar de todos os esforços contra, desistir não seja uma opção humana.

"O poeta dizia que os versos libertam as coisas. Que quando percebemos a poesia de uma pedra, libertamos a pedra de sua 'pedridade'. Salvamos tudo com a beleza. Salvamos tudo com poemas. Olhamos para um ramo morto e ele floresce. Estava apenas esquecido de quem era. Temos de libertar as coisas. Isso é um grande trabalho."

Penso que temos todos, milhas a percorrer antes de dormir.

PUBLICIDADE

Foto: jamarattigan.com

SAGRADO

Ana Elicker *
Rolante/RS

Provavelmente você já ouviu a expressão: "minha vida é um livro", estou certa? Pois o livro sempre me atraiu. Nele, encontrei respostas, caminhos, confortos, prazeres, amigos e inimigos e etc., mas sempre o tratei como algo sagrado, nunca alterei seu final ou mudei algo, sequer suspeitei que ali pudesse ter algum erro. Como se houvesse um destino traçado que não permitia ser adulterado. Guiado pelas mãos de sábio e incontestável dono da verdade, que seguia normas e respeitava o mundo social.

Hoje, quase tarde demais, me dei conta que fiz da minha vida, o mesmo que o da minha visão de um livro. Esqueci de tentar mudar, de alterar, de duvidar, de rabiscar, de fazer anotações destas que se guarda no coração, nunca deixei cair mel ou farelo de pão. Nunca rasurei sequer uma palavra, por não gostar e nem sempre procurei o significado das que não entendia. Apesar de ainda não ter encontrado respostas significativas e de ter feito da minha vida um ensaio, descobri que sou o sábio e incontestável dono da minha vida.

* Escritora e doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Autora dos livros de contos e poemas: As Pontes/2001; Vozes de Fogo/2003; Ana, para ler e sentir/2005; Três (2018); Retalhos - Quarentena Poética/2020 e, inúmeras participações em antologias e dos livros os técnicos: Literacia Digital/2020; Literacia Digital, Gêneros e mídias em sala de aula/2020.

Foto: Divulgação

Foto: jamarattigan.com

MEL DO MAIS PURO FAVO

Gilmair Ribeiro da Silva *
Piracicaba/SP

O ano letivo iniciava-se apreensivo, modificando o estado de espírito do professor Bruno Medina, que se preparava para o retorno às aulas presenciais. Ao pegar a bolsa pesada, bateu a poeira acumulada das férias, ajeitou os materiais, colocou a máscara "antifascista", e cuidadosamente verificou se na bolsa havia exemplares descartáveis para a reposição. Vivendo do baixo salário do magistério, aprendeu a fazer economias, utilizando o transporte público; e foi dessa maneira que, naquele dia, repetiu o que fazia à duas décadas - dirigiu-se ao ponto de ônibus localizado há três quarteirões de onde morava, retomando, assim, a rotina de embarcar no coletivo rumo à escola pública. Sua expressão revelava a angústia e a desconfiança de quem vai à guerra.

Levava na bagagem a saudade de vidas ceifadas prematuramente, a exemplo do menino travesso e risonho, que se acomodava próximo à mesa do professor e passava o tempo desenhando e azarando as meninas. Já se passara um ano da comunicação oficial que determinou o fechamento das escolas, comércio e serviços, mas a pandemia continuava avassaladora roubando vidas em todo o mundo, fato determinante do aumento da pobreza das famílias, desenvolvimento educacional dos estudantes, agravados ainda por problemas psicológicos causados pelo medo da morte e das dívidas - interrompendo sonhos, num país onde o próprio governante colocava em dúvida a eficácia das vacinas.

Como de costume, havia se levantado uma hora antes para ler os jornais e analisar o noticiário pela TV. Os meios de comunicação, naquele dia, noticiavam estatísticas de mortes, miséria e transtornos mentais causados pela Covid 19, num contexto em que a maioria da população se mobilizava para ser vacinada, enquanto que os mensageiros da morte, como que saídos dos sepulcros, promoviam postagens contra a saúde pública, causando pânico aos desavisados, em nome de uma ideologia picareta e de morte.

O céu se tornara constantemente cinzento mediante a ausência do abraço espontâneo na rua, da conversa na porta da farmácia e do aperto de mão na calçada do supermercado, e o distanciamento de amigos e parentes transformou as residências

em prisões e os rolês deram lugar às lives. Nesse contexto, mesmo à distância, Medina percebia que os alunos estavam desacostumados à realizarem tarefas e rotinas escolares, diante do que sentenciava: "a tecnologia é eficaz para encurtar distância, porém incapaz de produzir afeto",

Contudo, os alunos da escola pública começavam, aos poucos, retornar às aulas presencialmente em números menores em razão do distanciamento. Na unidade onde o professor Bruno Medina lecionava, os discentes foram divididos em grupos de dez por classe diariamente; em condições tais o professor retornou presencialmente à sala de aula naquele dia.

A redução do número de alunos em sala aliviou a barra de Noel do 9ºB, já que que rotineiramente sofria Bullying em razão de seu porte físico - baixinho e obeso, era chamado de "Gordinho Ordinário". Tal fato tornou-se assunto de gestão, mas a Vice-diretora, dona Maria das Graças, que adorava falar em "ações afetivas" disse que: "Noel não era lá mel do mais puro favo", pois, segundo ela própria, ele aproveitava sua habilidade (um verdadeiro cartunista) para ridicularizar seus algozes. O professor Bruno Medina, no entanto, com a habilidade que lhe era peculiar, preferia a conscientização de todos mediante exemplos fundamentados e metáforas ácidas contra todo o tipo de discriminação.

Naquela sexta-feira ensolarada de março, no entanto, a atmosfera o tornara nostálgico, tanto que recordou um episódio acontecido na penúltima aula anterior à pandemia: numa tarde como aquela, os quarenta alunos que compunham a classe estavam exaustos; especificamente o menino Noel, que segundo os companheiros se "mostrava estranho", ou seja, quieto, distante, e, para espanto de todos ainda fazia a lição de revisão de conteúdo, o que não era normal, porque no desenvolvimento das aulas, ele apenas desenhava, escondia matérias dos colegas, ou provocava as meninas.

Tal fato levou professor Medina a perguntar – se "estava tudo bem". Ele respondeu que sim, e continuou calado.

Diante da insistência do professor, quando a aula já se encaminhava para o final, Noel, de repente, ergueu a cabeça, levantou a mão e se pronunciou:

- Professor, o senhor dá aula há quanto tempo?

O professor Medina, surpreso, respondeu:

- Há 20 anos, por quê?

- Não, nada, não, disse Noel.

O professor Bruno Medina, experiente e tendo um nome a zelar, sentiu-se incomodado com a pergunta do aluno, e passou a imaginar: - "será que eu cometi alguma impropriedade?"; "expliquei mal?" - Não!, não pode ser, todos fizeram os exercícios com tranquilidade, Aquilo ficou martelando em sua cabeça, até que nos minutos finais da aula ele se dirigiu novamente a Noel e o indagou:

- Pode me dizer, o motivo, fique à vontade!

Foi então que Noel erguendo a cabeça, expressou em bom tom:

- Nesses 20 anos em que o senhor dá aula, já pegou alguma professora?

A classe veio abaixo em risadas

O professor, safo como era, respondeu sem pestanejar:

- Sim, peguei uma única – a minha própria mulher que também é professora!

A classe desabou em novas risadas, enquanto isso, de pé, diante da lousa onde estava, Medina pode verificar que a professora Clarice de Geografia, mulher encantadora, realizava algum trabalho pedagógico ao ar livre.

Ato contínuo soou o sinal e todos saíram apressadamente, se acotovelando em direção ao pátio da escola.

* Graduado em Letras, pós-graduado em Língua Portuguesa com ênfase na formação do leitor, professor de Língua Portuguesa da rede pública do Estado de São Paulo. Participou de diversas coletâneas e tem livro de poesia publicado.

Foto: Divulgação

MEMÓRIA INVOLUNTÁRIA

Émerson Barbosa *
Pesqueira /PE

Foto: jamarattigan.com

Nesses dias nublados e chuvosos, permito-me a portas fechadas, ouvindo o barulho da água que escorre sob a goteira e as janelas da sacada. A leitura de Proust de maneira transversal, tal o sino do convento, em que apenas nesses dias eu conseguia ouvi-lo. O vento carregado pelas massas de água conduzia a suavidade de sua sonoridade fresca e úmida, que entrecortada pelo movimento, trazia-me sensações reminiscentes de uma memória nessa hora ressuscitada. Repousante, claustral e aliviante. Tal sensação era aquela, de quando outrora, pousei meus lábios sob aquele rosto recostado sob seu peito, senti as batidas de seu coração. Dali em diante nada mais estava proibido, e sob todas as partes do seu corpo me fiz amante. Faltava-nos respiração no regular movimento sensual e delicioso de nossas línguas que nutriam-se mutualmente, mas, de maneira imprevisível. Dele procurei extrair poesia, mas, por fim tornou-se mais um instante, como no balcão de uma rua de qualquer esquina. Por que essa memória involuntária me retem? Proust, concede-me o contraste e a oposição, a face externa e o interior de um humano complexo. Dentro de sua visão só existe uma única verdade, a essencialmente construída a partir da memória. Por óbvio, tal movimento não encontra a completude, mas, o ato de buscá-la nos humaniza. A memória, é uma categoria sensitiva que nos reabilita e enquadra no campo retrospectivo da narração individual ou coletiva. Nunca sendo inerte ou alienante, mas, tentando preencher ou acalmar aquilo que nos falta, ou a sensação, aí sim, inerte, daquilo que jamais poderá ser reconstruído. Durante nossa vida o ato da retrospecção deve ser uma continua tentativa pela qual podemos acalmar as mazelas da nossa existência. Sou feito, para terminar com Proust, de “lembranças mortas”.

* Mestre em História pela UFPE. Escreve crônicas e contos para um periódico expresso da sua cidade. Encontra em Eça de Queiroz, sua própria definição.

Foto: Divulgação

OBRA COLETIVA REÚNE POETAS DO VALE DO PARANHANA E ALGUNS CONVIDADOS

Fotos: Lidiani Lehnen

Pensando nos talentos literários existentes e ainda desconhecidos, os escritores e produtores culturais Ana Elicker e Doralino Souza resolveram lançar uma coletânea de poesias.

Foi lançado durante a Feira do Livro de Rolante/RS a coletânea poética "Versos e outros sonhos", reunindo escritores conhecidos do público e autores iniciantes, que compartilham sua paixão pelas palavras e suas visões únicas do mundo. Versos e outros sonhos é o resultado de um trabalho colaborativo, no qual poetas se uniram para compartilhar suas experiências e inspirações.

O livro foi organizado pelos também autores, Ana Elicker e Doralino Souza que se dizem satisfeitos com o resultado. "Tinhamos a experiência de curadoria da Ana, que já havia organizado algumas antologias poéticas em anos anteriores, e a minha experiência de editor, não apenas da revista Paranhana Literário, mas também de livros. Assim surgiu essa parceria para, após um edital de chamamento, lançarmos o livro e, de alguma maneira, contribuirmos para dar visibilidade para esses autores e movimentar a cena literária local." explica o editor da publicação, Doralino Souza.

O livro mescla autores já publicados e reconhecidos, com autores inéditos que estão tendo a oportunidade de ver seu nome numa publicação pela primeira vez. "As participações não se limitaram a poetas da região do Paranhana, mas de todo o território nacional e até do exterior, tendo participações de autoras de Portugal e da China. Isso enriqueceu muito a obra e apresentou um mosaico de grande qualidade.", avalia a curadora e autora, Ana Elicker.

A publicação do livro é uma promoção da Revista Paranhana Literário e Editora JM2D e levou em conta a questão da viabilidade econômica e a visibilidade e planejamento da carreira literária. Ele foi produzido de forma coletiva, onde cada autor escolhido adquiriu uma cota, a qual dá direito a uma quantidade de exemplares físicos e duas oficinas literárias sobre escrita criativa e organização da carreira literária ministradas por Ana Elicker e Doralino Souza.

Os autores integram a obra são:

Ademir Rost, Adriana Mondadori, Ana Elicker, Andrea Rubiane da Silva, Anngela Antonelli, Armando Severo, Bella Sarquiz, Célia Santos, Claudia Marin, Doralino Souza, Franklin Hopkins, Hérica da Silva de Oliveira, João Riél, Lisiane Olsen Lacerda, Lívia Soares, Maria Alaides, Nelso Hahn Mazzurana, Paulo Wagner, Paola Pessoa, Rejane Benvenuto, Renan Wille, Rosália Gomes, Valter Ribeiro e Vera Regina de Oliveira. O livro tem o prefácio da jornalista cultural Lidiani Lehnen e texto de contracapa assinado pelo bacharel em Direito, professor e escritor Adeli Sell.

A obra "Sonhos e outros versos" foi apresentada durante a 20ª Feira do Livro de Rolante/RS e contou com a participação de diversos escritores que têm textos publicados nas páginas do livro.

EDITOR DA REVISTA PARANHANA LITERÁRIO LANÇA NOVO LIVRO

O quarto livro do idealizador e editor da revista Paranhana Literário intitulado "Enquanto espero o troco do café" (Editora Bestiário) é a incursão do autor na chamada microliteratura. Trata-se de histórias contadas em exatas 30, 50, 100 ou 150 palavras.
De acordo com o escritor, nesse livro os leitores encontrarão 70 microcontos que passeiam pelas mais diversas situações. "Histórias aparentemente curtas, mas carregadas de significados, de narratividade, de olhar sobre a condição humana, pois minha matéria prima é a vida real, com tudo o que ela apresenta de ridículo, patético, grandioso, maravilhoso", relata.

Ainda falando sobre esse estilo literário, Doralino diz que apesar de ser uma narrativa breve, o texto não deixa de ser um conto, e por isso precisa apresentar todas as características de um conto, como narratividade, subtexto e um final, de preferência, impactante, caso contrário, corre o risco de virar apenas uma citação, sinopse ou mesmo um poema. "É um desafio autoimposto pelos escritores, criar um enredo que apresente o máximo de narratividade e efeito com o mínimo de palavras. É como disse Júlio Cortázar, se o romance vence por pontos, o conto vence por nocaute. Então, eu me esforcei para, nesse livro, dar 70 pequenos nocautes no leitor", divaga.

O autor defende que o microconto veio para ficar. "Ele é próprio dos nossos dias. É uma literatura que dialoga com as redes sociais e com a agilidade contemporânea. Um microconto pode ser publicado no Instagram, tuiter ou facebook sem nenhum prejuízo. Da mesma forma, por ser breve, pode ser lido nas redes, virar vídeo, podcast etc. "Também acredito no seu potencial junto às escolas. Se os alunos normalmente reclamam para ler, por falta de tempo ou algo assim, com os microcontos não terão esse problema. Dá para ler vários num período de aula e ainda debater sobre o que foi lido", avalia.

"Doralino Souza é um mestre nesse ofício de contar histórias altamente impactantes com o mínimo de recursos. Cada microconto seu tem uma história e uma segunda história que, uma vez revelada, é capaz de suscitar reflexões profundas sobre a vida e a experiência humanas."

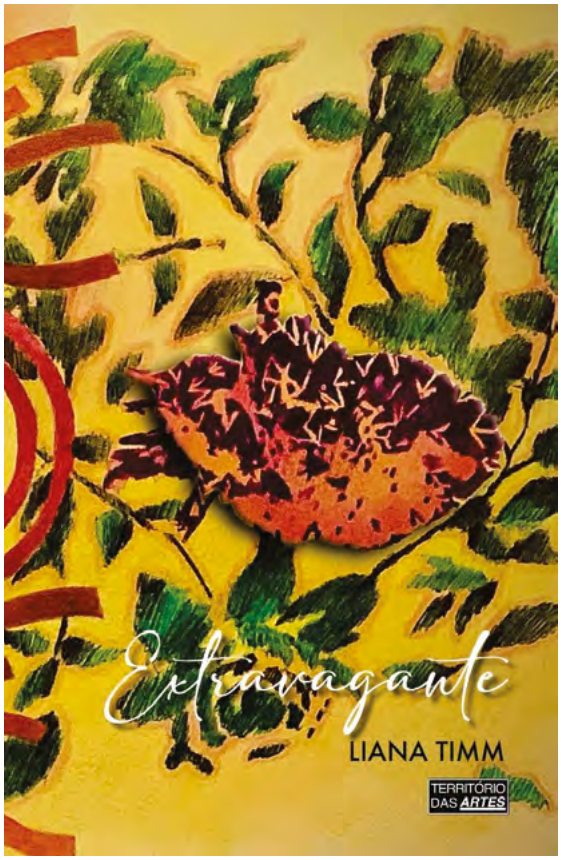
Robertson Frizero - Escritor

"Transmitir emoções com um mínimo de palavras é um desafio e tanto para o escritor. Exige trabalho e suor constantes, domínio dos significados, poder de síntese, técnica de contador de histórias. Tudo isso está presente nos 70 relatos de ENQUANTO ESPERO O TROCO DO CAFÉ".

Mário Baggio – Escritor

Doralino Souza foi duas vezes finalista ao Prêmio AGES Livro do Ano. Vencedor do I Premio Internacional de Microcontos. Tem 4 livros publicados e diversas participações em antologias, incluindo o Prêmio Off Flip 2022, contribui com jornais e revistas impressos e digitais. Idealizador e editor da Revista Paranhana Literário e Repórter da Radioweb Arteviva. É jornalista, educador social e ativista cultural.

LIANA TIMM LANÇA NOVO LIVRO DE POESIA



Extravagante (Território das Artes, 82 páginas) é o 19º livro individual de poesia da autora Liana Timm. Para Liana, "a poesia é um exercício diário, um olhar para a vida com atenção redobrada. Com as palavras tento materializar os sentimentos e as sensações, transfiguro a linguagem tentando me afastar do óbvio. Não escrevo para publicar. Publico porque produzo diariamente e o ato de escrever só tem sentido se compartilhado."

O crítico de arte e escritor Jacob Klintowitz comenta o percurso de Liana por múltiplas expressões artísticas. "Há muito sabemos que o sonho indica a dimensão da realidade, o âmago do real. Estou me referindo ao sonho do artista. E quem será mais artista do que esta mulher que se lançou sem medo de perda – sem rede de segurança, diz o seu verso – no campo da literatura, no espaço teatral, na recriação de clássicos vertidos para o diálogo, na invenção de imagens tão visuais que parecem amantes do nosso olhar, no canto

O lançamento acontece no dia 15 de junho, às 20h, no Tablado Andaluz (Av Venâncio Aires, 556 - Porto Alegre/RS) na abertura da temporada de espetáculos mensais de Liana Timm no espaço.

Liana Timm | Artista multimídia, vive em Porto Alegre/RS com atelier em permanente ebulição. Transita pelas artes visuais, pela literatura, pelas artes cênicas e pela música. Realizou 76 exposições individuais, 35 shows musicais no Brasil e exterior Publicou 66 livros, destes 19 individuais de poesia, recebeu 17 prêmios nas diversas áreas de atuação. Entre elas, o Prêmio de Melhor Livro do Ano na categoria Poesia, da Associação Gaúcha de Escritores (AGES) para Água passante (2010) e Os potes da sede (2012).

@lianatimm | liana.timm@gmail.com | www.lianatimm.com.br

UM LIVRO ON THE ROAD

Adriana Blanco *
Novo Hamburgo/RS

Foi como se tivesse nas mãos um roteiro de filme "on the road". A Solidão do amanhã de Henrique Schneider conta a historia do jovem Fernando e sua viagem de carro para o exílio no Uruguai. É fácil cair na artimanha de gêneros textuais que se entrelaçam bem como acontece entre o cinema e a literatura , principalmente quando o autor é tão hábil quanto esse. Do mesmo modo, é fácil de imaginar os cenários descritos nesses tempos que já estamos acostumados ao audiovisual. Ainda assim, as palavras impressionam, e a narrativa se justifica na estética lexical ao falar do ponto de partida e chegada às cidades que compõem a trajetória a ser lida.

O início é descrito na beleza desordenada de um bairro simples de Porto Alegre e suas casinhas com pátio e cachorros. A viagem toma seu rumo ao interior do estado, Henrique nos leva 400 Km pelos buracos da BR,um caminho também de longos vazios preenchido por curvas e coxilhas, um pampa verde cheio de silêncios. Não se trata de uma viagem a passeio, como explica Fernando, tem seus mistérios, a história acontece numa linha de tempo envolta pelo rigor da ditadura militar dos anos 70 pilotada em uma Variant por Jorge, pai de seu amigo de infância.

Jorge recebe a incumbência de ser motorista, porque tem conduta ilibada e no que se considerou um período de sangue, isso faria diferença.Sem nem saber a razão "tio" Jorge aceita a tarefa, e mesmo com poucas afinidades a rota se cumpre entre a melancolia de Fernando e os olhares dos dois para a grandeza de estrada que se põe a frente. Na cabeça das personagens o questionamento: -Como vive alguém que mora assim? Esse é um trecho feito de casinhas pobres, e a paisagem se perde em um nada aos seus olhos urbanos.

Os gaúchos terão familiaridade com as cidades, em Butiá há a primeira parada para um café. Pantano Grande é a segunda parada, mas não se pode pedir nada do balcão a mostra, apenas um pastel de carne, ou uma torrada completa. Até Caçapava do Sul lá se vai uma porção de terra, e não há nenhum glamour ao chegar em Bagé. Finalmente, as placas informam: Aceguá. Eis a porta de entrada ao Uruguai , onde o gado é bom, mas a fronteira é a incerteza do destino.

Em meio a viagem os capítulos são contados também pelas histórias paralelas, o caso de amor quase arranjado entre Fernando e Clara; Wanderley é o "camarada" que passa a noite na casa em Porto Alegre e integra o movimento estudantil que já dava os primeiros sinais de desarticulação pela ditadura. Naquela época a vida parecia sempre tensa, diz Henrique. A dificuldade maior estaria em mudar de nome, exigência da resistência, e é assim que Fernando passa a ter identidade de Ernesto. É assim também que ele deixa sua vida confortável de chuteiras para a possibilidade de jogar de congas na sua nova pátria.

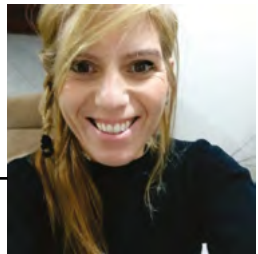
O autor usa a metáfora dos calçados para dar visibilidade aos descalços, e para quem conhece a própria identidade desse escritor é aqui que ele ameaça sua face. Henrique é advogado e representa o movimento sindical calçadista, Novo Hamburgo onde mora é pólo dessa indústria. Esse é papel da literatura, não há nenhuma ameaça, além da teórica discutida pela sociolingüística, só há a entrega de um humanista na redação ficcional, a mesma que leva Shakespeare a contar suas tragédias.

O capítulo final é a apoteose das escolhas bem feitas, o palavreado é feito dedo por dedo, minucioso, e nos faz acreditar em um final feliz, quando as chances são poucas. Assim ele inicia o final: "Quem escolhe contar uma história, também decide as histórias que não contará". Ao longo desse trecho ele joga com as histórias que poderia ter contado, mais sobre a célula política, mais sobre a artista plástica, mais da namorada, mais do exílio, preferiu não contar. Sigo a pista que quis contar sobre o caminho, aquilo que subjaz a vida, o entremeio necessário para fazer acontecer, é por isso que disse lá em cima que é um livro on the road. É tão imagético que parece roteiro, só não aparenta mais, porque tem uma escrita bastante refinada. O capítulo 4 tem esse refinamento que falo e depois disso não falarei mais, para deixar o leitor aqui com o gosto nos olhos:

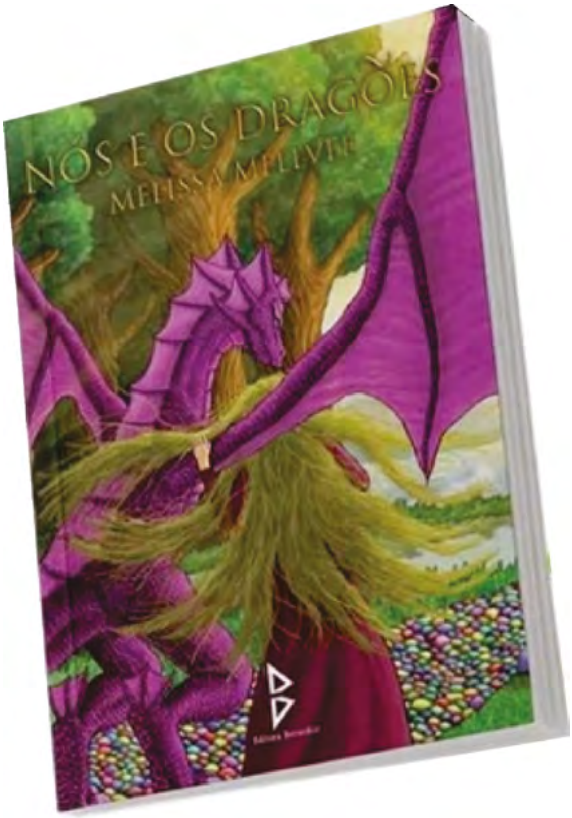
"Amanheceu há poucas horas nesta mui leal e valorosa capital e não há canto da cidade sobre o qual o sol não tente se espalhar. É sexta-feira em toda a cidade, e em toda cidade há algo de sol....Mas, há outra cidade, que os olhos comuns não veem e onde não se estende o sol, e de onde não se sabe se é sexta ou terça ou domingo, cidade que vive sob e também sobre essa cidade tranquila...Nesta cidade, que também vive em Porto Alegre e agora expulsa Fernando, não há paz."

PS* Um sussurro ao leitor hoje, a democracia venceu.

*Doutora em linguística. É graduanda de Direito na Ulbra. É poeta e pública em várias mídias.



NÓS E OS DRAGÕES,
DE MELISSA MELLVEE



Amanda Leonardi *
Porto Alegre/RS

O segundo romance da Melissa Mellvee chegou essa semana, e é claro que eu já o devorei em poucos dias. Publicado pela Editora Berserkir, este é o segundo livro solo da autora, que lançou em 2021 Meu Padrasto é a Maior Viagem. Porém, Nós e os Dragões foi escrito antes, ainda em 2019, quando a precoce e talentosa autora tinha apenas doze anos!

Nós e os Dragões conta uma história doce e divertida, em primeira pessoa, do ponto de vista de uma pré-adolescente celta que se torna amiga de uma dragão fêmea. A protagonista, Maeve, tem um senso de humor próprio, muita ironia, pouca paciência com os adultos, mas um coração doce e receptivo. No mundo do romance, os dragões não eram conhecidos pelos celtas, que apenas ouviam falar deles como lendas. Certo dia, Maeve sai para andar pela floresta e se depara com uma dragão, que vem a se chamar Púrpura. A dragão não tinha amigos na floresta onde vivia com os outros dragões e é excluída por eles, por demonstrar compaixão por uma humana.

Com uma escrita leve e divertida, Melissa Mellvee desenvolve personagens carismáticos, em um mundo de fantasia em que a amizade e a igualdade entre todos são os maiores bens. Um romance infanto-juvenil, mas cujo humor e doçura podem encantar a todas as idades.

* Mestre em Letras pela UFRGS, servidora pública federal e escritora. Teve contos, poemas e minicontos publicados em diversas antologias nacionais. Mantém a página do Instagram @esqueletras na qual posta microcontos, resenhas e curiosidades literárias.

NO CÉU TEM OPEN BAR

Esta crônica faz parte do livro: Demorei a descobrir que meu pai era um guri, de Joselma Noal, Editora Libertinagem, SP, 2022, p. 34-36.

Companhias inseparáveis do meu pai, além do pente, como já mencionado em Surfando nas ondas prateadas, eram o jornal Zero Hora e o relógio. Nunca entendi, porque a mania, a obsessão pelo relógio não foi abandonada nem em momento de férias ou na aposentadoria. E no hospital? Para que tanta preocupação em saber as horas? Para controlar os medicamentos, as visitas do médico?

E vamos às lembranças, após a primeira cirurgia do câncer de garganta do meu pai, fomos avisados que o paciente não poderia falar por alguns dias. A comunicação ocorria por meio de sinais ou por anotações em um bloquinho. Eu estava na função de acompanhante, quando o pai começou a apontar o pulso. Entrei em pânico, achando que era algum problema com a medicação na veia, que ele estava com dor, sei lá. Do olhar azul veio uma onda turbulenta dirigida a mim e o dedo apontou bloquinho e caneta, onde li, a seguir: EU QUERO SABER AS HORAS, SUA BOCA ABERTA!

Faz muito tempo deixei de usar relógio de pulso, só espio no celular. Porém não vivo sem relógio de parede na cozinha e fiz questão de comprar um de mesa para o meu escritório, porque quando cozinho ou escrevo, marco o tempo e vejo em mim um pouco do Seu Leonildo controlador.

Retomando a minha viagem temporal, na minha festa de quinze anos me neguei a dançar valsa. Meu pai aceitou substituir por uns passinhos de rock, momento registrado em foto. Seu Leonildo era alcóolatra e por ocasião da minha festa pedi que não bebesse, ele atendeu e se manteve sóbrio durante toda a noite. Recordo o quanto dormi feliz aquela noite. No ano seguinte meu pai deixou de beber e fumar e nunca mais voltou a nenhum dos dois, A vontade dá e passa, ele dizia. Penso que o exercício diário de lutar contra algo que se gosta muito e se tem consciência de que faz mal e não se deve consumir, deve ser cruel. Passei a admirar muito mais o meu pai desde então! E o dia primeiro de agosto passou a ser comemorado como o dia do aniversário, Seu Leonildo renasceu e se manteve em sobriedade por trinta anos.

Considero importante mencionar o óbvio: alcoolismo é doença! Doença aliás muito mal interpretada em nossa sociedade. Ouvi muita piada preconceituosa sobre meu pai, no entanto nunca as considerei. Tive desde sempre um pai responsável e protetor e nunca tive vergonha dele, só orgulho! Demorei

muito tempo para entender que o álcool era o que fazia mal ao meu pai e a nossa família. Os problemas de saúde enfrentados por ele, sempre com bravura e fé, foram causados pela bebida e pelo cigarro. E cabe mencionar um dos estímulos do Seu Leonildo, como bom pão duro que era, quando deixou de fumar: uma poupança em que depositava mensalmente o valor que antes gastava com o tabagismo. E ele conferia o saldo com frequência, acredito que para preencher o vazio deixado pela nicotina.

Um dos meus grandes dramas no hospital era de que meu pai me pedisse cigarro ou bebida. Eu não hesitaria em comprar, acho que nada diria depois para a minha mãe e os meus irmãos, seria um segredo nosso, meu e do pai. E foi um alívio ele jamais ter me pedido, só queria mesmo os pãezinhos de queijo roubados do café da manhã. Fez, sim, pedido gastronômico impossível: ovo frito com gema mole. E foram inúmeras tentativas no restaurante do hospital para atender o desejo. Não teve como!

Nino sempre se mostrou forte, suportou muita dor e seguiu lutando para viver até o último minuto, porque, sim, era apegado, não só aos bens materiais, mas, principalmente, a família que construiu. Meu pai se tornou outra pessoa ao deixar álcool e cigarro. Precisou conviver com a luta diária de um dia de cada vez sem consumir o que gostava. Alguns dias após a despedida de meu pai, um amigo disse a minha mãe: O Leonildo tá bem, no céu não existe alcoolismo e tem Open Bar! Nada como ter amigos!

E o Nino era meu amigo e seguir a vida sem ele por aqui me é difícil, me vejo tropeçando, com a lembrança da mão firme que me conduziu ao altar no dia do meu casamento. Data em que eu tremia e ele me segurou forte. O pai acreditava no amor e na minha união. Apesar da brabeza na hora do casório no civil, ao tomar conhecimento de que eu não adotaria o sobrenome do Jackson. Seu Leonildo era um homem tradicional!

Não troco de sobrenome, nem de time de futebol! Sou Noal e colorada! A propósito, herdei do meu pai: uniforme e caneca do Inter. Quando visto o traje vermelho sinto um abraço! E o café com leite servido na xícara do time tem outro sabor! Será o doce sabor da vitória?

Sobre o livro:
Demorei a descobrir que meu pai era um guri reúne 26 crônicas sobre a relação da autora, em diferentes etapas da vida, com o seu pai. Na contracapa, Rubem Penz escreve: "(...) é para os leitores que agora me dirijo: esperem sorrisos e lágrimas para a leitura que segue. Ela tem sabor de quindim e surpresas de guria arteira, capaz de transformar suas passagens mais íntimas em verdadeiras obras de arte. Afianço e, sem a menor sombra de dúvida, Nino – permite-me este tratamento, Sr. Leonildo? –, nos sonhos da autora, concorda."

Para adquirir exemplar:
Site na editora: https://www.editoralibertinagem.com/product-page/demorei-a-descobrir-que-meu-pai-era-um-guri
Ou diretamente com a autora: @joselmanoal

Joselma Noal é porto-alegrense, doutora em Letras, professora da FURG, tradutora, autora de Aroma Hortelã (Editora Movimento), Duzentos (Editora Kazuá) e Minis de Quarentena (Editora Libertinagem) e Demorei a descobrir que meu pai era um guri (Editora Libertinagem). Tem contos e minicontos publicados em muitas coletâneas. Coordena o coletivo Mulheres de Escrita, desde outubro de 2021, organizou a obra Sete mulheres minicontam (Editora Libertinagem. Ministra oficinas literárias virtuais e presenciais.

Foto: Divulgação

A EDITORA CORALINA

Pedro Paulo Graczcki (Pepê), como é mais conhecido, nasceu em Francisco Beltrão/ PR e atualmente mora em Cachoeirinha/RS. Desde cedo soube que seria do povo do livro, e que eles (os livros) seriam parte de sua vida e por conta disso abandonou a faculdade de Biologia para se dedicar integralmente à sua paixão – a literatura. Gestor de feiras de livros e agente literário, organiza mais de duzentos eventos por ano – entre feiras e palestras relacionadas à leitura e à formação humana. É publisher da Editora Coralina e autor dos livros O Cavaleiro do Pudim (Infantil) e Eus (Poesia) ambos pela Coralina, sua editora criada em 2018. Abaixo uma entrevista exclusiva com o autor, editor e livreiro falando sobre economia criativa e cadeia produtiva do livro.

Quando surgiu a editora Coralina, e por quê?

Eu organizava mais de 100 eventos literários por ano, levando autores e atividades culturais para muitos municípios. Muitas vezes, os autores estavam com agenda no evento, mas seus livros não eram enviados pelas editoras. Bom! Por ter uma livraria, organizava os eventos literários e cuidava da carreira dos autores. A ideia de abrir a editora foi uma consequência. E muito por incentivo do autor Airton Ortiz, uma das maiores referências de jornalismo de aventura no mundo.

Como tu vês o mercado editorial atualmente?

Em ebulição. Há excelentes autores surgindo para o mercado editorial contemporâneo, com obras de grande valor literário. Entendo não ser a editora a única responsável pelo sucesso da obra, o autor precisa 'colar junto', ou seja, é fundamental que editora e autor trabalhem em parceria para que o livro atinja mais leitores e ganhe o reconhecimento da crítica especializada.

Qual o teu foco principal no trabalho editorial? Há um nicho de vendas em foco?

Quando pegamos um original já o imagino no mercado. O projeto imaginado para o livro precisa estar também alicerçado em perspectivas, ou seja, é preciso pensá-lo para o futuro; por exemplo: quem vai comprá-lo, qual o público-alvo (no caso, o leitor), onde o livro pode ser comercializado (escolas, livrarias, feiras literárias itinerantes). E necessário ter essa visão para definir o projeto do livro. Um livro que é direcionado a escolas, por exemplo, precisa atender às exigências pedagógicas asem deixar de ser lúdico nem perder o aspecto imagético, pois a sala de aula, além de ser um ambiente de aprendizagens, é também de formação de leitores e de cidadãos.

A distribuição sempre foi um grande gargalo no mercado livreiro, como tu lidas com isso?

Nossa editora é conhecida do mercado distribuidor por conta da nossa atuação como livreiro e dos eventos que realizamos. Mas, durante muitos anos, as grandes livrarias foram incensadas e consideradas as mecas do consumo literário. Quando, na verdade, haviam capturado as editoras e as mantinham cativas

do sistema. Deviam muito para cada editora e ameaçavam não pagar se parassem de fornecer. Ora, um dia essa pirâmide iria ruir. E aconteceu, levando muitas editoras 'a reboque', com algumas entrando em falência, principalmente as editoras independentes, que dependiam muito das vendas dessas livrarias para se sustentar no mercado. A partir deste fato, as editoras perceberam o valor que as pequenas livrarias têm, por sustentarem esse concorrido mercado ao pagar em dia e trabalhando com competência, paixão e respeito à cadeia produtiva. Fazer com que os livros cheguem às livrarias é o grande desafio de qualquer editora. Conhecendo toda a dinâmica deste mercado, optamos pelo caminho dos eventos, dando maior visibilidade para os autores gerando vendas e capilarizando nossa presença nas livrarias pouco a pouco.

As novas tecnologias facilitam a publicação de um livro, e, talvez por conta disso, aumentou o número de autopublicação. Nessa perspectiva, a tecnologia ajudou ou tornou a vida dos editores mais difícil?

As editoras não são tão necessárias com as possibilidades atuais. O que precisamos é mostrar que um trabalho profissional faz toda a diferença na condução do processo. Além disso, a gestão do livro depois de publicado é muito complicada e nem todos os autores têm essa habilidade de controle de estoque, nota fiscal e vendas. Quem quer fazer um trabalho bem focado, precisa se organizar ou encontrar uma editora que atenda as suas expectativas.

Qual tua opinião sobre as plataformas de "vaquinha"? Achas que essa será a solução para os autores e mesmo para as editoras?

E uma boa opção para quem quer publicar; sobretudo, se o autor deseja uma obra com mais valor agregado, o que demanda mais investimento financeiro, nem sempre a meta de adquirir a grana necessária é atingida. Para tanto, acredito mais no trabalho de movimentar nossa rede de amigos, que transformem afeto em suporte e apoio à arte de quem se aventura no mercado literário. As plataformas de "vaquinha" podem ser uma alternativa, sim, mas formar o nosso público leitor, além de ser uma solução prática e criativa, pois estamos contribuindo para mantermos um público consumidor de literatura e memória afetiva, e não apenas de livros como produto.

As feiras de livro das cidades do interior cumprem satisfatoriamente o papel de incentivadoras da leitura ou precisam se reinventar?

Tem uma fórmula pronta para feiras de livros que precisa ser revista. Algumas organizações fazem feira de livros como quem faz um show de rock ou de funk. Usam o dinheiro da prefeitura, contratam autores, som, palco e teatro, distribuem as atividades numa grade e esperam o final do evento para fazerem o relatório. Não há preocupação com a preparação do público para receber o autor, saber quem é e o que ele escreveu. Muitas vezes, não há preocupação nem mesmo com o público alvo da fala. Uma cidade levou uma palestra espírita sobre a vida para crianças de 6 a 8 anos. Em outra ocasião, uma dessas empresas que organizam feiras de livros me ligou para contratar um autor – e quando eu disse que faríamos a doação de 100 livros para leitura prévia, acharam complicado fazer a distribuição nas escolas.

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

Acima ilustrações das capas de alguns livros da editora.

É necessário que a feira esteja fundada sobre três pilares:

– político: porque é um evento político e precisa dar resultado em termos de público e agito social, mostrando que um evento de 3 a 5 dias custa menos que um show com bebedeiras e movimenta mais pessoas;

– pedagógico: a feira precisa ser um reflexo do trabalho da educação do município e do estado, servindo de vitrine para as ações que os professores realizam no dia a dia.

– comercial: é preciso trabalhar a ideia de que frequentar a feira de livro não pode se resumir a prestigiar atividades gratuitas, de se fazer presente para formar público; há muitos trabalhadores nela que sobrevivem da venda dos livros, que fomentam economicamente este mercado. Logo, para movimentar a economia criativa, é fundamental que as pessoas comprem livros (nem que seja de R$ 3,00, R$ 5,00), a fim de se criar a mentalidade de investir em cultura. Que valorize a ação de pagar pelo livro, assim como pagamos pelo tênis ou celular. Muito se fala: vamos visitar a feira de livros. Ora, nós visitamos o zoológico onde não compramos macacos, tigres ou elefantes. Na feira de livros, vamos vivenciar uma experiência lúdico cultural e comprar livros.

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

A venda de livros para o governo é a solução?

É um 'plus', mas quem acessa a estas verbas são as grandes editoras. A solução é aproximar os autores do público, desmistificar a figura do escritor e formar leitores de forma continuada. Encantar as crianças com livros e, aos adolescentes, oferecermos a proposta de leituras significativas e não 'apenas obrigatórias'. É fundamental formar mediadores de leitura, que podem ser professores que leem, que buscam inserir a leitura na sala de aula como parte da formação integral do ser humano, e não somente enquanto atividade pedagógica.

Além disso, dessas compras de livros, o que mais o governo poderia ou deveria fazer pelo setor livreiro, na tua opinião?

Estimular a abertura de mais livrarias, oferecer mais editais que levem autores ao encontro dos leitores por meio de oficinas e de projetos semelhantes ao "Adote um Escritor" e "Autor Presente", bem como ainda encaminhar mais verbas para institutos voltados ao mercado literário e do livro, como o IEL. Certamente, isso poderia ser uma estratégia para movimentar toda a cadeia produtiva.

Tem uma fórmula pronta para feiras de livros que precisa ser revista. Algumas organizações fazem feira de livros como quem faz um show de rock ou de funk. Usam o dinheiro da prefeitura, contratam autores, som, palco e teatro, distribuem as atividades numa grade e esperam o final do evento para fazerem o relatório.

Quais os novos projetos da editora Coralina?

Fazer com que os autores se deem conta de que, quando nasce um livro, nasce também um escritor; de que a obra é uma extensão dele, uma responsabilidade dele. Seguindo esse raciocínio, pode-se dizer que escrever é fácil, difícil é ser lido. E ajudar o autor nessa função e manter a qualidade das publicações é uma de nossas metas. Outra ação nossa é retomar as feiras de livros com mais força, uma vez que nós temos estrutura completa: lonas teatro, animadores culturais, autores e um comprometimento incrível com o resultado do evento. Dos vários projetos em andamento (e outros em fase de serem implementados), o movimento mais urgente e necessário agora é voltar a sistematizar isso tudo no pós-pandemia e seguir formando leitores. Essa é a nossa missão.

Foto: Divulgação

VERMELHO-SANGUE

Ana Braz *
Igrejinha/RS

Foto: jamarattigan.com

O dia amanhecia devagarzinho. A noite parecia não querer ir embora. O sol estava com preguiça. Ela estava com preguiça.

Depois da agitação da noite, seu corpo queria descanso, mas o cérebro estava desperto, relembrando cada momento, cada cheiro, cada sabor.

Ela se deleitava com as memórias que navegavam em sua cabeça. Sentiu um arrepio percorrer a espinha. Desceu a mão pelo corpo e se deixou gozar, enquanto se espreguiçava na cama.

Gostava de pensar que era uma pessoa bem normal, com uma vida bem normal. Afinal de contas, quem a olhava atravessando a entrada do banco com seu tailleur cinza-chumbo, jamais imaginaria que sua cor preferida era o vermelho-sangue da calcinha que estava usando.

Era gerente de investimentos e achava aquilo tudo muito chato, mas ganhava dinheiro e a conhecia muita gente. Gente bonita e rica. Rica e bonita. Era o que realmente apreciava.

Os dias eram longos e entediantes, apenas alguns momentos de descontração, quando flertava com algum cliente que se enquadrava em suas preferências. Homens ou mulheres, não importava muito, ela gostava do que era belo e cheirava a dinheiro.

Não imaginem que ela seja uma alpinista social, procurando um bom partido. Jamais!

Naquela manhã, enquanto estava no chuveiro, repassou o dia anterior, desde quando a morena entrou no banco. Ela estava no segundo andar e a mulher que entrara chamou tanto sua atenção, que um sorriso se formou no canto da boca.

Seguiu-a com os olhos e percebeu que ela estava procurando seu setor. Apressou-se, precisava falar com aquela mulher.

Uma espécie de eletricidade surgiu entre as duas e logo já estavam aos beijos. Qual seria o melhor investimento do dia, senão uma rapidinha no banheiro feminino?

Marcaram um encontro à noite, para continuarem o que começaram mais cedo. Usaria vermelho, e não só na calcinha.

O dia passara como um borrão. Ela planejara os passos que daria, os gestos, as respostas. Sentia-se excitada. Precisou ir ao banheiro novamente, infelizmente, sozinha dessa vez.

A noite chegou e ela estava calma, organizada, tudo em seu lugar. Seu vestido vermelho, impecável.

A morena chegou e foi tudo muito rápido: uns beijos, uns drinks, a tontura, o mal-estar, o acordar amarrada a uma maca na sala branca e muito bem iluminada.

Ela andava de um lado para o outro, apreciando o corpo nu, amarrado. Os olhos assustados daquela linda mulher. Ouvia os lamentos e lamúrias, que eram música para seus ouvidos.

Naquele momento, tinha certeza que nem todo o dinheiro do mundo tiraria a morena daquela situação. Ela gostava de vermelho-sangue, muito além da lingerie que usava.

* Formada em Letras/Ingles. É Professora, escritora e editora do Paranhana Literário. Ativista cultural é integrante da Associação Litero Cultural de Igrejinha (ALICI).

Foto: Divulgação

Foto: jamarattigan.com

UMA CARTA PARA MEREDITH

Silvio Juvenil Trein *

Três Coroas /RS

Meredith caminhava pela praia deserta. Enquanto andava, observava com prazer os rastros que deixava marcados por ali. O vento do inverno levantava uma névoa de areia que as vezes lhe enchia os olhos e o fazia parar. As ondas vinham e iam com uma calma impressionante, deixando o ambiente com uma certa paz. Os barcos dos pescadores balançavam na calmaria do mar. Era bom. Depois de tudo o que conquistara, estar ali, era bom. Ele venceu na vida, conquistou seu futuro, tinha tantas coisas, mas essa calma, ah essa calma!

Há alguns dias atrás, Meredith se encontrava em seu escritório, num prédio de luxo, cheio de outros escritórios, dos mais variados ramos de negócios. O seu representava uma grande empresa do ramo financeiro. Entre tantas planilhas e números, uma carta escrita à mão chama sua atenção.

- Carta escrita à mão, num tempo cibernético? Que estranho! - falou pra si mesmo. Como alguém ainda tem tempo pra isso? - pensou com certa surpresa.

A estranheza daquela correspondência o fez parar com tudo. Abriu com certo cuidado o envelope e, com uma crescente curiosidade, desconhecida para quem tem tudo sob controle sempre, pôs-se a ler.

- Ana!? - buscou na memória, mas não encontrou uma pessoa que tivesse esse nome, descrito como remetente da carta, entre seus mais próximos conhecidos.

Não podia deixar de observar que a letra era muito bonita. Tentou lembrar a última vez que tinha visto uma letra cursiva em alguma correspondência que lera. Percebeu uma certa beleza nessa forma de comunicação.

A carta continua: " Sei da sua provável surpresa em ver meu nome. Não lembrarás de mim, com certeza! Nunca fiz parte da sua vida. Sei que és um homem importante, de sucesso, conselheiro de muitos no seu ramo profissional. Pessoa sem tempo para essas "frivolidades" da vida: família, amigos, simplicidade. Espero que estejas bem, não só financeiramente, mas como pessoa, nessa vida que vives. Imagino que devas estar se perguntando: onde nossas vidas? Algum dia nos encontramos? De onde essa Ana me conhece? Como sabe da minha existência? Não te preocupes em tentar encontrar estas respostas. Realmente, nunca nos encontramos pessoalmente".

Meredith sentiu uma certa angústia enquanto lia a carta. Sua mente viajava em busca de alguma coisa que colocasse Ana em sua vida. Continua a leitura: "houve um acidente de trânsito há dezessete anos", dizia a carta. Algo estourou na mente dele. Um turbilhão de memorias passando numa rapidez que não dava para acompanhar. Até que os pensamentos pararam no dia do acidente.

Era um dia quente, verão abafado, com previsão de temporal para o final da tarde. Meredith dirigia pela rodovia deserta, pensava no convite que estava indo responder. Recém formado, uma oportunidade daquelas, não é algo que se vá perder. Um advogado da capital, Doutor Ubaldo, conhecido da família, precisava de um estagiário. Sabia da sua recém graduação, disse que se tivesse interesse, que o procurasse dali dois dias. Este pensamento martelava em sua mente.

Doutor Ubaldo tinha por costume passar as férias na pousada que havia na vila de pescadores onde Meredith morava. Ele gostava de pescar com os pescadores dali. Assim teve

conhecimento acerca do jovem, filho de um dos pescadores, que estudava direito e se formaria nos próximos dias. Foi assim que a ideia do convite para a vaga surgiu.

A capital era longe. Emprestou o carro do pai e partiu. Na cabeça, planos e planos. "Uma nova vida na capital, esperança de mudança de vida". Estes eram os pensamentos que ele carregava enquanto dirigia. De repente avistou a sua frente um automóvel capotado. O primeiro impulso foi seguir em frente. Com certeza o resgate estava chegando e eles saberiam melhor o que fazer. Mas parou. Não sabe porque parou.

No carro acidentado, duas pessoas mortas e uma criança chorando, ferida. Não havia sinal de resgate e não haviam outros veículos por ali. Um minuto de hesitação. O tempo de viajem se esgotando. Sua entrevista? Seu provável futuro?

Pegou a criança, alguns documentos que encontrou por ali e foi para o hospital mais próximo, que ficava no caminho contrário ao que ele vinha tomando. Ligou para o resgate, informou o local do acidente e disse estar levando a criança ao serviço médico mais próximo. Lá, ficou aguardando notícias da equipe médica que rapidamente levou a criança para ser atendida.

Passado um tempo, talvez meia hora, não tinha certeza, o médico lhe informa que está tudo bem com a criança: nada além de alguns arranhões, falou o especialista. Disse também já ter contatado os familiares e pediu que esperasse por ali mais um pouco. Mas ele tinha que ir. Seu futuro estava em risco. Os sonhos. As expectativas. A vida nova que se abria a sua frente. Partiu e esqueceu.

Ana era a criança daquele dia. Pela carta, soube que ela tinha obtido seus dados pelo registro do hospital. Queria lhe conhecer depois de tanto tempo. "Sei, pelas notícias, revistas, publicações e entrevistas que te tornaste alguém importante. Eu continuo aqui, na mesma cidade. Como seus parentes, sou pescadora. Eles já não sabem de ti há muito tempo também. Não sei se sabes alguma coisa deles. Fostes embora naquele dia e não mais voltastes. Nem mesmo seus pais sabem que o moço que me socorreu naquele dia é você e eles também não comentam muito sobre ti. Sei que algumas vezes foram até aí para te visitar, mas nunca perguntei nada, até porque não faz muito tempo que fiquei sabendo da tua existência. Então, se um dia quiseres, gostaria de lhe conhecer. Ao menos para lhe agradecer.", falava ela em um dos trechos da carta.

Depois de ler a correspondência, Meredith ponderou: por que largar tudo e ir? E Minha vida aqui? Meus clientes, meus negócios, meu futuro tornado real? E por que esse desejo enorme de fugir, como fugi anos atrás? Deixar tudo logo agora que um grande negócio está prestes a se concretizar?

Ele não entendia o motivo destas perguntas. Algo dentro dele, um vazio estranho, a falta de algo que não sabia o que, o fez partir. A carte de Ana despertou nele esta vontade de fugir dali, daquele mundo tão desejado, mas que não lhe trazia paz. Conhecer a moça que se tornara, aquela criança lá do acidente. Religar laços que ficaram abertos desde a sua partida. Também retomar coisas da sua história que havia deixado de lado na busca desta "vida nova" que construíra na capital. Terminou o serviço do dia, desligou a luz da sala e saiu sem falar nada para os colegas. Pegou o carro, abasteceu no posto em frente ao prédio, e partiu rumo a vila de pescadores.

Descobriu que Ana era uma bela mulher. Forte. Decidia. Viva. Batalhadora. Construíra uma bela família de pescadores. Casou-se, teve filho e seguia sua vida. Tudo tão simples e verdadeiro. Diferente do seu meio, que apesar de sofisticado, lhe sufocava de uma maneira quase que desesperadora. Gostou daquele lugar diferente que representava suas origens. Reviu parentes, voltou a lugares, sentiu-se livre.

Meredith molhou os pés na calma onda que chegou até onde estava sentado outro dia. Olhou o horizonte e sentiu um aperto no peito. A razão o mandava de volta e a emoção o queria ali. Pela primeira vez na vida ele não soube decidir.

Formado em Publicidade e propaganda e carteiro de profissão. Autor do livro "Em uma cidade ficticia". Também escreve nas suas redes socias e apresenta o programa semanal "É Cultura"., na Verde TV, de Três Coroas/RS.

SANTA CARNE

GABRIELA LEAL *
Porto Alegre/RS

Foto: Divulgação

Eis que Deus criou e viu que era bom. Não a criação em si, mas o ato criador, cerne da divindade. E então Deus soube que era Deus. E quis que outros soubessem: ali estava um Deus. Por isso, criou a humanidade.

Deus moldou, do mesmo barro, duas figuras. Uma cabeça, dois olhos, um nariz, dois ouvidos e uma boca. Fez braços e pernas grudados em um tronco. Pôs cinco dedos em cada mão e mais cinco em cada pé. Depois, deu três passos para trás e observou. Resolveu diferenciar as figuras: pênis naquela que chamaria Adão, vagina naquela que chamaria Lilith.

Deus rabiscou cálculos e figuras geométricas com uma varinha na terra. Convencionou o encaixe do pênis na vagina. Ainda achou por bem terceirizar o grosso da criação: a vagina seria um portal, a mulher faria todo o trabalho pesado. Assim, Ele não teria que perder tempo esculpindo, um a um, os seus filhos a partir do barro.

Faça-se a vida, Deus ordenou, e a vida se fez para Adão e para Lilith.

Não faltava alimento, não faltava beleza, não faltava diversão. O mundo estava e a vida era. Reinava a paz. No cartapácio insípido das histórias de ninar do paraíso, o tédio da perfeição absoluta não dava a chance de qualquer mudança no enredo. A felicidade era quase uma obrigação, o que não tinha a menor graça para Lilith. Foi entre um bocejo e outro que ela, investindo na própria autoria, com um desejo eriçado de ser, brincou com os abismos até descobrir a transcendência.

Mas a transcendência é coisa divina, e Deus não se agradou. A transcendência é poderosa demais, não tem juízo, não faz medidas, não se presta a mesuras, não se deixa manipular. A transcendência é capaz de sacrificar tudo, até a paz. Uma loucura, é evidente, qualquer Adão concordaria. Além do mais, o Deus de toda a criação era apenas um – Lilith que não o desafiasse.

No entanto, como Deus não era lá de muito embate, achou melhor terceirizar também a opressão. Disse a Adão que ele próprio deveria submeter Lilith, na condição de sua mulher.

Acontece que Lilith andava faceira, ora brincando sozinha, ora se esfregando no corpo de Adão de maneira muito esquisita.

Então Lilith brincou com Adão, e ele viu que era bom. Lilith beijou as pálpebras de Adão. Lilith massageou o corpo de Adão. Lilith lambeu as costas de Adão. Lilith fez tremer as carnes de Adão. Lilith gemeu nos ouvidos de Adão. Lilith usou palavras bonitas para criar coisas belas para Adão, e Lilith pôs todo seu coração nessa tarefa, porque sentia na alma a potência de um sentimento e queria dividir seu júbilo com Adão. Lilith foi a primeira professora e a precursora do afeto.

E Adão brincou com Lilith como jamais brincaria com Eva, mas Lilith não achou que fosse tão bom. Lilith ensinou Adão a lhe adular os seios, a pressão certa para apertar as coxas, os lugares que pediam lábios, os lugares que pediam unhas e os lugares que pediam dentes – tudo em vão. Adão não sabia fazer carícias, Adão não queria saber. Por intuição, Lilith teve uma ideia e sentiu de montar sobre o pênis de Adão.

Assim que a viu sobre seu corpo, Adão se lembrou das palavras de Deus. Era preciso submeter Lilith. Adão a empurrou para longe. Ela, sem entender, ainda tentou montar sobre o pênis de Adão mais uma vez. Adão levantou um punho e gritou desaforos com a jactância própria daqueles que gozam pouco e transam mal. Deus fez um raio retumbar nos céus em sinal de aprovação pela obediência do filho querido.

Aí Lilith se enfureceu. Chamou o Pai de tirano e o marido de fraco. Diziam eles que ela conspurcava o paraíso? Não fosse por isso. Lilith foi a primeira ex a ser chamada de louca e a precursora do êxodo. Foi embora, inventando o divórcio antes mesmo da criação da liturgia. Saiu sem nada, porque ainda não se sabia o que era partilha e ela é que não ia esperar sentada a invenção da justiça.

E quanto mais maldições Deus lançava sobre Lilith, mais ela percebia o medo que ele tinha de sua grandeza. Ficou claro, Lilith só caberia naquele jardinzinho de revista se fosse podada. De preferência, um bonsai de mulher. Logo ela, frondosa e colossal. Se Adão acreditava que aquilo era o paraíso, bom proveito, ele que ficasse. Lilith se recusava – e admitia seu pecado sem precisar do diabo de serpente nenhuma para levar os créditos. Se havia um demônio, Lilith batia no peito e dizia que ela era o próprio demônio, sem qualquer vergonha. Lilith não via constrangimento em ser quem era, e por isso não perdia tempo dando desculpa ou pedindo vênia. Gastava sua energia com outras coisas.

Lilith criava para si o que lhe cabia. Era esse o eterno ressentimento de Adão.

Foi assim que Lilith inventou a recreação e Adão inventou a inveja. Lilith inventou o afago e Adão inventou a frieza. Lilith inventou a divisão do gozo e Adão inventou a ganância. Lilith inventou o amor e Adão inventou a mágoa. Lilith inventou a vontade própria e Adão inventou a vagabunda, mas não podemos nos esquecer de que foi Deus quem inventou o jogo de azar e rolou os dados nessa mesa de cartas marcadas desde o princípio.

Escreve desde criança. É mestranda em Letras – Escrita Criativa na UFRGS e é mãe da Cecília e do Vinicius. A Língua da Medusa é seu primeiro livro.

Foto: Divulgação

Foto: jamarattigan.com

AS ROUPAS

ANA PAULA TOLEDO AYGADOUX *

Toulouse/ França

Sem perceber ela se viu vestida de filha, conheceu uma mãe, um pai, e avós. Não sabia como, mas já se vestia de irmã. Foram duas roupas a chegarem com ela e, quase sempre, ela as usava juntas. Poucas eram as vezes onde podia ser só filha ou só irmã, mas mesmo carregando as duas roupagens, não as achava muito pesadas, eram leves e aqueciam seu coração.

E assim, também, sem perceber, viu-se vestida de menina. Não porque quisesse, não foi sua a escolha, mas o andar natural da vida.

Ela se via bem dentro dessa vestimenta, sobrepondo as outras já conhecidas. Era confortável mesmo quando os meninos diziam não lhe servir, pois, gostava de brincadeiras vistas como próprias para quem se vestia de menino. Ela não ligava. Às vezes, queria um traje que lhe permitisse transitar entre todas as brincadeiras, mas ela percebia, enquanto crescia, que poderia usar apenas a de menina e fazer o que bem quisesse. Um simples pano não a impediria de jogar bola ou brincar com carrinhos, mesmo se isso significasse ficar um pouco isolada, como se seu tecido fosse ligeiramente diferente dos das outras meninas.

Um dia, tingiu sua veste de baixo de vermelho, sem querer, também sem pedir, e percebeu que sua roupa de menina lhe fora arrancada naquele mesmo instante. Então, descobriu-se mulher. Aquela indumentária ainda não lhe cabia bem, a incomodava, sentia-se desajeitada e achava a peça grande para seu tamanho. Ela sabia que iria ficar com esta roupa durante muitos anos, pois, conforme crescia, os panos ajustavam-se ao seu corpo.

A cada ano, ela se achava mais bonita e amoldada ao tecido feminino, vivenciava a exuberância, seria capaz de conquistar o mundo. E, assim, por cima da roupa de mulher ela alcançou a de profissional. Exibia as duas com muito orgulho. Com elas, levantava bandeiras, lutava pelas causas justas, procurava defender os direitos de todos usarem os trajes, texturas e cores que quisessem. Ela se sentia poderosa.

Com estas vestes, se apaixonou e, sem se aperceber, já estava vestida de esposa. Poucos anos se passaram e mais uma roupa foi sobreposta a tantas já aderidas a ela, a de mãe. Desse dia em diante

a vida se passou como um tornado, onde ela apenas mudava a ordem daqueles tantos tecidos doados pela vida. Os usava sempre sobrepostos, ora pesavam, ora pareciam leves, outras vezes a deixavam de cama. No entanto, ela resistiu, transitando pela existência com todos eles, sem nunca se confundir, sem nunca abandonar nenhum. Um dia, tudo se tornou mais leve, ela recebeu de presente uma nova vestimenta, a de avó.

As outras ainda estavam lá: a de filha já era história, pois já não tinha com quem a usar; a de irmã utilizava muito pouco, apenas em alguns dias no ano. Sentia falta de usá-las o tempo todo, deixando-as voar ao sabor do vento entre as doces gargalhadas da infância. No entanto, essa nova veste de avó trazia, com ela, um pouco de todas as outras.

E, numa tarde chuvosa, sentiu um tecido sombrio cair-lhe sobre os ombros. Era duro e áspero, era a roupa de viúva. Ele pesava e lhe doía o peito. Ficou presa a esta textura por alguns meses, mas a alegria das vestes de mãe e de avó teimavam em lhe sorrir e querer se sobrepor e, aos poucos, amaciaram o pano escuro.

Ela colocou a indumentária de viúva bem colada à pele e deixou as outras continuarem a lhe sorrir.

Um dia, quando aquela de avó já se tornava usada, mesmo ainda lhe trazendo alegria, olhou-se no espelho, sentiu o peso de todos aqueles panos e livrou-se deles, arrancando-os um por um. Muitos se rasgavam ao toque, já puídos pelo passar dos anos.

O último tecido por ela arrancado foi o de viúva, este teimava em lhe aderir à pele e ainda a machucava. Com esforço, despiu-se novamente em mulher e viu ser esta a única vestimenta feita sob medida, moldada por ela mesma. Ela substituía todas as outras e era a que lhe fazia enxergar bem dentro de si mesma. Olhou-se por todos os lados, encantava-se com o que via.

Satisfeita em se enxergar novamente em sua essência e segura de que ela estaria sempre lá, pegou um pedaço de cada um dos trapos jogados ao chão e, com todos os retalhos e com a linha da vida, costurou uma última peça. Aquela roupa, cosida com a sua história, representava a sua trajetória. Ela usaria esta nova vestimenta até o findar de seus dias, um pouco de cada, completando a sua roupagem de mulher.

Sentia-se plena e pronta a viver, deixando sua marca, sua essência, até ser chamada a partir.

Foto: Divulgação

* Formada em Direito pela USP, trocou as leis pela escrita e pelas artes (cerâmica e biojoias) autora do livro O Pacto (em breve na Amazon), participou de coletâneas de contos pela editora Metamorfose e de minicontos pelo projeto Literatura Mínima, publica seus textos no Instagram e em seu blog pessoal.

Foto: jamarattigan.com

CONJURADOR DA MEMÓRIA

RAFAEL IFAPONLE *

Rio de Janeiro/RJ

Antes do amanhecer todas as pessoas que estavam na cidade, incluindo os embriões e os recém nascidos, acordaram com cortes em suas mãos. Naquele tempo os seres humanos não tinham linhas na palma da mão. Nesse ponto da sua contação ele apagava as marcas feitas no chão e voltava para dentro do seu abrigo feito de silêncio. As minhas perguntas para o Conjurador da Memória vagavam pelo ar, relambolavam no vento e acabavam por tomarem o rumo do esquecimento ou, simplesmente, a contação voltava ao ponto de partida, tal qual um círculo que se fechasse entre o dia e a noite, entre o nascimento e a morte. Ele que colocava a urdidura dos fios, traçados em tempos imemoriais, precisava ir para frente e para trás, levantava lentamente da sua esteira, caminhava até uma bacia e retirava com a cabaça um pouco da água coletada pela manhã do rio, em seguida a bebia junto com o pèrègun, vinha até a esteira e repousava lentamente no seu lugar de origem, seus gestos pareciam ser tão velhos quanto o mundo, olhava pela janela o grupelho de nuvens que estacionaram ao longe e não cochichavam chuva. O Conjurador da Memória puxava o rolo rememorado que desenrolava-se em infindos fios sem pontas até aquele encontro na estrada com os homens sem linhas nas mãos. Eles costumavam guardar suas recordações escritas em pequenos pedaços de papel, não tinham Conjuradores da Memória e se uma chuva forte molhasse aquelas frágeis memórias, talvez, não lembrassem sequer o caminho de volta para casa. Careciam dos abrigadouros da fala. Num longo suspiro enrolava novamente num amarrilho bem cozido pelo tempo os fios das lembranças. Depois o Conjurador da Memória me olhava e perguntava dando a cada palavra dita a entonação perfeita do nosso idioma: Reparou como cada linha da mão é diferente em nós? Abria a minha mão de menino diante dos olhos para constatar o fato como se fosse a coisa mais absurda, possuía minhas próprias linhas inconfundíveis com as de qualquer outra pessoa na cidade. Na minha mão esquerda há duas linhas paralelas que se iniciam quase na altura do punho e no meio da palma se encontram outras duas linhas que, próximas aos dedos,

formam duzentas encruzilhadas. Como alguém poderia ter feito cada linhazinha dessas e em todas as pessoas da cidade, até nas que ainda não haviam nascido numa única noite apenas? Um silêncio manso e atento de caçador o dominava, um bocejo vinha me assaltar, o Conjurador da Memória sorria e pedia que eu fosse pegar um obì no outro cômodo.

Naquela cesta sempre havia muitos obìs, dedilhava os de cima, catava os debaixo, enchia uma mão, reparava que cada um tinha seu feitio, depois de muito ponderar acabava por pegar o maior. Corria novamente para o outro cômodo, ele permanecia de tocaia por detrás dos silêncios. Entregava o obì e o Conjurador da Memória com uma mão estendida o pegava, nesse momento podia ver que na palma da sua mão havia muitas linhas, mais de duzentas. Será isso? Quanto mais velho mais linhas temos nas mãos? Com um olhar pedia que eu também entrasse naqueles remansos, relutava de princípio para depois com as pontas dos dedos tocar aquela tocaia feita de silêncios. Ele molhava o obì na cabaça cheia de água, o rolava entre o dedão e o indicador de um lado para o outro, o partia em quatro gomos, com suas unhas escurecidas pelo anos de manuseio da noz de cola, retirava as sementes uma por uma, as entregava nas minhas mãos, acostumado com o seu ritual corria até o quintal, cavava com os dedos de menino um suco na terra avermelhada e depositava ali as quatro sementes. Estendia a palma da mão. As minhas linhas estavam lá. Antes achava isso feio e descabido, agora não consigo parar de olhar para elas, era como se estas linhazinhas ganhassem uma importância sem igual, eram como as marcas feitas por ele no chão e que falavam da nossa humanidade. Quando será que ele contará o restante da história?

Voltava para dentro junto à esteira, no caminho repetia para mim mesmo, bem baixinho, cada detalhe da história contada hoje ou apenas a parte que me foi ensinada, queria prendê-la bem, feito uma armadilha prende um pássaro ou um animal que mais tarde servirá de alimento para todos da nossa família. No silêncio mastigamos cada qual um pedaço de obì. Passei o resto da tarde amolando a faca pequena com duas lâminas retas enquanto repetia para o pèrègun a história que aprendi naquela manhã. Lembro que o Conjurador da Memória não saiu mais daquela tocaia feita de silêncios. A noite caiu e colocamos nossas cobertas para dormir, estendia meu corpo na esteira e deixava que a contação embalar o sono e antes do amanhecer todas as pessoas que estavam na cidade, incluindo os embriões e os recém nascidos, acordaram com cortes em suas mãos. Naquele tempo os seres humanos não tinham linhas na palma da mão.

* Cria da favela da Rocinha onde participou de movimentos de promoção do livro e leitura e de mídias comunitárias. Foi mediador de leitura na Biblioteca Parque. Estudou jornalismo e filosofia na PUC-Rio e publicou três livros de contos: livro dos desvios, Calendário das distopias e Cavalos selvagens não sabem nadar. No ano de 2021 publicou de forma independente o livro de narrativas Favelavra.

Foto: Divulgação

Foto: jamarattigan.com

INCIDENTE ÀS MARGENS DO RIO MUTUM

ANTONIO PRATES *

Rio de Janeiro/RJ

Quarenta e cinco minutos de caminhada seca sobre gravetos e folhas amareladas. Finas redes de armadilhas aéreas, quase invisíveis, colam-se pegajosas na pele do rosto e dos braços, materializando o zumbido dos insetos. Teias de galhos, ramos, troncos e raízes e a umidade progressiva da margem que se aproxima.

Agora, já no limite elástico da beira do rio Mutum, fibras e nervos se concentram no murmúrio das águas e na percepção do chão de areia e escassos calhaus.

Pares de mãos se ajudam mutuamente na tarefa de erguer, retirar, dobrar e pousar os vestidos de algodão sobre as ramagens. As vozes femininas e os risos são abafados pelo pio das garças empoleiradas nos ninhais.

Calcanhares, plantas dos pés e artelhos desvencilham-se de botas e meias, para enfim pousar delicados sobre a areia molhada da margem do rio.

Um par de passos adiante, o ácido beijo da água gelada. Dedos que se erguem, como se com isso pudessem atenuar o violento contraste de temperaturas e sensações.

Suave contato com o lodo do rio, quase obsceno. Não o rio, nem os corpos quase nus, mas a fruição da lama que se espreme no espaço exíguo entre os dedos dos pés e a vertigem do anel quente-gelado que sobe pelos tornozelos.

Mais um par de passos e os pesos dos corpos procuram se distribuir pelas almofadas das plantas dos pés. As agulhas dos grãos de areia mesclam-se com o gel de lodo e os fiapos de aguapés que contornam as canelas.

Então o súbito, o agudo, o infalível talho de vidro que penetra inesperado e profundo em diagonal perfeita, atingindo três dedos do pé direito e o arco do mesmo pé, até as fronteiras do calcanhar.

A surpresa e a dor tão absurdamente precisas que o grito animal não chega a se concretizar, consumindo-se antes, em algum lugar acima do diafragma, e também no interior das regiões primitivas do cérebro reptiliano.

Alguns metros adiante, nas profundezas amarelas do rio, cinco dúzias de mandíbulas abrem- se em rictos de preparação. Fibras músculos tendões cartilagens, guelras barbatanas nadadeiras escamas, dentes de navalha, contraem-se, explodem e lançam-se ao ataque cruel.

Para as piranhas não há surpresa, não há pânico, não há dor, não há crueldade. Apenas a rubra conclusão dos desígnios da natureza.

* Escritor, engenheiro naval e consultor. O mar em que mergulhou foi o acaso. De lá saíram suas experiências, aventuras e encontros, seus três filhos e o amor pela literatura, história e mitologia.Lançou recentemetne o livro de contos "As irmãs & outros causos."

Foto: Divulgação

A GAROTA DO BLUES

KRISHNA GRANDI *
Gramado/RS

Foto: jamarattigan.com

Jonathan observava a aliança em sua mão com dor. Sua ex-mulher o largara para viver aventuras com outros homens. "Me cansei de você", em sua cabeça, a cena se repetia em tom de deboche com a alegação dela. Assim, do nada. Jonathan sentia ter perdido tempo nesse relacionamento, pois havia dedicado cerca de nove anos nele. "A minha sorte, foi não ter gravado nossos nomes aqui." Tentou pensar positivo. Colocou a aliança pertencente à ex-mulher na caixinha e a guardou. Sentado no meio-fio da calçada e com o olhar fixo ao chão, Jonathan notou pequenas gotas se formarem e logo sentiu gotas geladas em suas costas.

-Merda, merda, merda! - esbravejou. - Levantou o rosto para as gotas que caíam grosseiras do céu. Algumas lágrimas se misturaram com esses pingos e Jonathan permitiu que toda a dor escorresse pelo seu corpo.

"Okay, eu devo seguir" - Seus pés já sabiam a direção para onde iria.

Não muito distante dali, existia um pub que Jonathan costumava frequentar com Helen, sua ex-mulher. Ele corria o risco de entrar lá e se deparar com ela paquerando outro cara? Sim, mas ele queria isso. E, de certa forma, precisava disso. "Talvez assim, eu acredite".

O lugar estava lotado, avistou uma mesa com uma garota solitária e gentilmente perguntou:

-Se importa se eu sentar aqui? Prometo não puxar assunto. - afinal, nem queria mesmo.

-Pode. - Ela não levantou o olhar para responder.

Ao sentar-se à mesa, pôde enxergar a mulher. Uma garota com olhar imparcial lia um menu de bebidas sem interesse. Sua mão era coberta com uma luva branca rendada que cobria um pouco depois do cotovelo. Jonathan desviou o olhar e escorou a cabeça e uma mão, desolado.

-Helena. - Ela pronunciou virando o menu.

-Hm?

-Meu nome é Helena. - Jonathan revirou os olhos discretamente. Nomes parecidos… -Você prometeu não puxar assunto… Mas eu não prometi nada. - ela o olhou nos olhos e sorriu com o canto da boca.

Jonathan observou melhor a mulher que estava do seu lado. Uma loira de olhos azuis e bochechas redondas avermelhadas naturalmente. Ela lembrava uma garota pin up dos cinquenta. O batom vermelho e o delineado puxado. Os olhos estavam um pouco inchados e o rímel levemente borrado.

-Jonathan. - ele ajeitou a cadeira para o lado oposto ao dela. Era noite temática de Jazz e Blues. Enquanto a banda tocava músicas lentas que Jonathan não sabia o nome, Helena pedia ao garçom uma dose de uísque.

-A melhor que tiver. - O garçom anotou o pedido e dirigiu-se ao Jonathan.

-O mesmo que ela. - Ele nem ouvira o pedido dela. Estava concentrado em um instrumento que ele julgava ser um saxofone, mas poderia não ser.

-Então, Jonathan… O que fazia sentado no meio-fio? - ela apoiou a cabeça entre as duas mãos. Numa pose jovial e interessada.

-Eu não quero falar sobre. - olhou para porta. A sensação no peito de Jonathan era de que Helen ainda estava ali. Embora a chuva tenha ficado lá fora, quando ele entrou no pub com aquelas roupas de despedida, trouxe consigo o perfume dela em cada gota de água que insistia em penetrar por seu corpo ensopado. "Me cansei de você", ecoaram pela mente dele. "Eu também estou cansado disso tudo", respondia a si mesmo.

O garçom entregou e Helena estava com o copo perto da boca quando teve uma ideia.

-Quer apostar quem vira o copo mais rápido? - O espírito competidor de Jonathan despertou e ele nem esperou a contagem para virar o copo. Largou o copo vazio na mesa e pegou o dela.

-Aposto que não esperava por isso. - e também tomou o copo dela.

-Bem gentil da sua parte. - em deboche, ela riu da situação.

-Eu quero sair daqui. Vem? Eu compro uma garrafa para nós. - Jonathan levantou da cadeira um pouco tonto e foi até o balcão sem esperar algum retorno de Helena.

Helena olhou o celular. Eram dez da noite. Havia duas chamadas perdidas e algumas notificações de mensagens. Jonathan estava voltando para a mesa com a garrafa quando ela guardou o celular na bolsa. Antes de ir embora, Helena foi ao bar do pub e pediu uma dose de uísque. Tomou e limpou a boca no dorso da mão.

-Agora posso ir. - Deu a mão a ele e ambos saíram pela porta do pub. Ao passar pela porta, Jonathan esbarrou em uma mulher que chegava sozinha. Helena a cumprimentou enquanto Jonathan entrava no primeiro táxi que viu.

-Para onde vão? - o motorista perguntou.

-Só um minuto… - ela tirou da bolsa uma venda branca rendada para os olhos e fez menção para Jonathan colocar. Com os olhos dele tapados, ela entregou um papel para o motorista com um endereço.

-Vamos jogar um jogo? - Helena cochichou no ouvido de Jonathan.

-Acho que sim… - Ele estava inseguro.

-Ótimo. Essa noite, você vai ser o meu brinquedinho. - Ela apertou a coxa dele e deixou a mão pousada durante todo o percurso.

Helena ajudou Jonathan a sair do táxi, ela pagou a corrida e quando o táxi foi embora, ela tirou a venda dele. Ambos entraram em um hotel. Jonathan conhecia aquela região por ser um pouco perigosa.

No elevador, ela apertou o último andar. Jonathan estava começando a ficar bêbado e isso o deixava mais solto com mulheres. Colocou a mão no bolso e sentiu a caixinha de alianças ali. No elevador, viu o corpo de Helena. Ela estava com um vestido preto longo com uma fenda na lateral. Espiou a perna que estava levemente à mostra e quis colocar a mão por dentro da fenda e apertar a coxa dela. Sua garganta começou a secar com vontade de agarrá-la.

-Eu sei que está me olhando. Te vejo pelo espelho… - ela levou as mãos na alça do vestido. Jonathan agora observava pelo espelho ela tirar a vestimenta. Uma lingerie branca com espartilho se revelou. Na coxa direita, uma cinta-liga perolada servia como uma coroa para a pele pálida de Helena.

-Qual o nome do jogo? - Jonathan perguntou se posicionando atrás dela. Ele pegou o cabelo de Helena e ajeitou-o para o lado esquerdo. Beijou toda a lateral direita e as costas dela, apertando a cintura com seus dedos e deslizando para o quadril, puxando-o para perto do seu.

-A garota do Blues. - Helena virou-se de costas para o espelho. Jonahan contemplou a bunda de Helena. Ela usava uma calcinha rendada de duas tiras fio dental que estava quase enterrada.

-Vamos ajeitar isto. - Ele pôs uma mão em cada nádega e abriu para que a calcinha entrasse mais. Depois puxou-a para cima, fazendo Helena soltar um pequeno gemido.

O elevador chegou ao seu destino e Helena puxou Jonathan pela mão por um longo corredor. No caminho, cruzaram com um casal de idosos que apenas fingiram não ter visto nada, além de ficarem balbuciando reclamações incompreensíveis.

Chegando no quarto, Helena empurrou Jonathan para a cama. Colocou a bebida na boca dele e o beijou sugando o uísque de seus lábios. Desceu pelo pescoço tocando o torso dele. Jonathan estava excitado e abriu o seu zíper para colocar seu membro para fora.

-Você quer? - ela mordeu o lábio inferior e encarou os olhos embriagados de Jonathan. Ele fez positivo com a cabeça e deitou para relaxar enquanto ela devorava o pênis dele.

Ela continuou com os movimentos de vai e vem e alternando entre lambidas e mordidas. Jonathan estava prestes a gozar quando Helena subiu na cama e ficou de quatro.

-Ordeno que goze em mim. - Jonathan posicionou-se atrás dela e separou as tiras, uma de cada lado, penetrando-a com vontade. Helena gemia alto, estava gostando das investidas de Jonathan e logo gozou no pênis dele.

Jonathan viu Helena estremecer abaixo dele. Ela dava leves espamos de prazer. Estimulado por aquela cena, ele ejaculou no seu quadril, escorrendo pela coxa direita e se misturando à cinta-liga perolada.

Ele deitou ao lado dela e adormeceu. Em seus sonhos, Helena estava totalmente nua, envolta de laços brancos pendentes como nuvens celestiais. Um céu azulado, da cor de seus olhos. Um corpo alvo mesclado com leves nuances exóticos. Pérolas cobriam seu pescoço e pulsos. Apenas aqueles enfeites perolados entornavam a graciosidade do momento nostálgico de seu cérebro.

Amanheceu e a cama estava vazia. No criado-mudo ao lado da cama, estava sua caixinha de alianças, um papel dobrado e o celular de Jonathan.

Ele pegou o celular sonolento e viu uma mensagem de Helen. “Eu te vi saindo do nosso pub com aquela vadia.” Jonathan revirou os olhos e apagou a mensagem. Sentou na cama e olhou para o lado onde Helena dormira. Um par de luvas rendada branca estava posicionada em cima do travesseiro. Ele pegou as luvas e as cheirou. Um perfume forte emanou em suas narinas. Devia ser importado.

Pegou o papel dobrado que estava debaixo da sua caixinha de alianças e leu o que estava escrito.

“Querido Jonathan, estava na cidade de passagem, finalizando os detalhes para o meu casamento. Testei contigo o que farei ao meu futuro marido nesta noite. Quando você acordar, já terei partido. Vou gravar o seu nome na aliança que peguei, como uma lembrança. Por favor, faça o mesmo com a que ficou e a guarde com as luvas em cima do travesseiro. Com amor, Helena.”

* É publicitária, atriz e escritora. Ganhou prêmios literários, participou de coletânea e escreve coluna mensal pro Site Panorama.

Foto: Divulgação

Por Brígida De Poli *

O AMOR NOS TEMPOS DO CÓLERA

GABRIEL GARCIA MARQUEZ

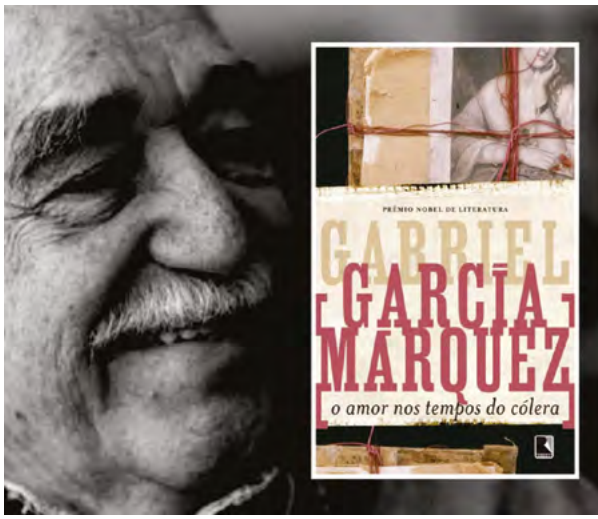


Foto: Divulgação

Vamos combinar que " Cem anos de solidão", de Gabriel Garcia Márquez, é uma obra hors concours na literatura mundial. Posto isso, posso dizer com mais tranquilidade que meu romance favorito do grande autor colombiano é "O amor nos tempos do cólera".

Ele começou a escrever o livro em Cartagena, Colômbia, em 1984, ao final do ano sabático que cumpriu depois de ganhar o Prêmio Nobel de Literatura por "Cem anos de solidão". Foi nesse período que ele recolheu alguns episódios relatados no livro, como a epidemia de cólera que assolou a cidade no final do século XIX ou o naufrágio do galeão espanhol San Jose, carregado de jóias. Gabo se inspirou na história dos próprios pais para construir um verdadeiro tratado sobre o amor. Ele já tinha tentado escrever a respeito em "Revoada" ou "O enterro do diabo", mas percebeu que ainda precisava "aprender muito sobre a arte de escrever." Por isso, só colocou a história no papel na maturidade, aos 57 anos.

O romance narra a história do amor do telegrafista, poeta e violinista Florentino Ariza por Fermina Daza. Aos dezenove anos, ele se apaixona pela menina de treze anos, cujo pai não aceita o romance com alguém de outra classe social. Ele manda a filha para uma longa viagem para afastá-la de Florentino e na volta, ela acaba casando-se com o médico Juvenal Urbino. Fermina leva uma boa vida ao lado do marido. Já Florentino nunca se recuperou da paixão inconclusa e manteve-se solitário, apesar das aventuras sexuais, durante cinquenta e três anos. Enquanto espera pela viuvez da amada, ele vai colecionando três mil modelos de cartas para namorados, nos quais estavam todas as possibilidades do amor. Que genial esse Garcia Márquez ! Através dessas cartas, ele descreve o amor apaixonado da adolescência, o amor conjugal, o clandestino, o tímido, o amor sexual ou libertino. O tédio do amor, suas lutas, esquecimentos, metamorfoses, suas deslealdades e doenças, triunfos, angústias e prazeres. O amor por carta, o despertar

"Ela lhe parecia tão bela, tão sedutora, tão diferente da gente comum, que não compreendia que ninguém se transtornasse como ele com as castanholas dos seus saltos nas pedras do calçamento, ou tivesse o coração descompassado com os ares e suspiros de suas mangas, ou não ficasse louco de amor o mundo inteiro com os ventos de sua trança, o voo de suas mãos, o ouro de seu riso." O amor nos tempos do cólera. p.129

desse amor, próximo ou distante, o amor louco. O amor de meio século, que encontra os amantes septuagenários se tocando pela primeira vez. O amor que se guarda e espera, enfim, sua realização.

Outra coisa maravilhosa no livro é que Fermina consegue ser feliz ao lado do marido, fugindo da história clássica do arrependimento ou infelicidade por não ter realizado o romance juvenil. Ela é uma mulher forte e decidida, não a mulher submissa. Juvenal Urbino é um homem bom, um médico dedicado e ama profundamente a esposa. Depois de sua morte, Florentino se apresenta a Fermina como se tivessem se separado no dia anterior. Para ele, era claro que agora realizaria seu amor guardado há meio século. Para ela... leia o livro.

O filme – direção: Mike Newell - 2007

Foto: Divulgação

Fiquei muito animada quando li que "O amor nos tempos do cólera" ia ser adaptado para o cinema. Mais ainda quando soube que o papel de Florentino caberia ao espanhol Javier Bardem, um de meus atores favoritos. Fechando o triângulo amoroso estavam Giovanna Mezzogiorno e Benjamin Bratt. O diretor britânico, Mike Newell, já tinha feito bons filmes, como " Quatro casamentos e um funeral", " Donnie Brasco" e " O sorriso de Monalisa". Então, me parecia que ia ser um gol de placa, com perdão pela metáfora futebolística.

A crítica se dividiu sobre o resultado da adaptação, embora não tenha nem de longe alcançado o sucesso esperado. A mim não convenceu. Fiquei muito decepcionada com o resultado. Acho que fui atacada pela síndrome do " o livro é melhor que o filme", apesar de já ter entendido há muito tempo tratar-se de uma comparação injusta. Livro é livro, filme é filme. São linguagens diferentes etc...

Uma das coisas que me incomodou foi a ambientação. Pareceu-me muito o olhar estrangeiro sobre o "exotismo" da América Latina, com abacaxis e papagaios em profusão. Outra coisa irritante foi o inglês com sotaque espanhol. Melhor teria sido uma coisa ou outra. Javier, claro, fala espanhol, além de vários outros atores que estão no elenco [Benjamin Bratt, John Leguizamo, Hector Elizondo e Catalina Sandino Moreno]. Se, por questões mercadológicas, optaram pelo inglês, compreende-se, mas apelar para o sotaque tornou tudo falso.

O diretor ,Mike Newell, chegou a afirmar, durante o lançamento do filme, que tinha mais medo da reação dos fãs do romance de Gabriel García Márquez do que dos adoradores de Harry Potter, que ele também dirigiu. Reconheço que ele devia nos temer mesmo! Nunca mais tive coragem de rever o filme, talvez até desgostasse menos. Quem sabe um dia...

Para encerrar, três destaques: a bela trilha sonora da colombiana Shakira [Hay amores, La despedida] e a nossa Fernanda Montenegro, brilhando no papel Tránzito Ariza, mãe de Florentino. A fotografia também é de um brasileiro, o ótimo Affonso Beato.

Em tempo: No teatro brasileiro, o romance de Márquez inspirou a criação da peça " Gardênia" do grupo de teatro El Otro.

Jornalista, cinéfila e seriemaníaca, assina as colunas "Crônicas" e "Cine&Séries" do Portal Making Of, autora do livro "As mulheres da minha vida"- crônicas.

Foto: Divulgação

Por Heidi Gisele Borges *

ANATOMIA DAS SOMBRAS

Foto: Divulgação

Anatomia das sombras é resultado da oficina de escrita criativa de Daniel Gruber e Irka Barrios, e lançado pela editora O Grifo.

Uma excelente antologia, com contos que trazem elementos do fantástico e nos fazem ter muitas sensações, como medo e repulsa.

Destaco aqui alguns dos contos que mais me chamaram a atenção.

Inquilino indesejável, de GabiM Lessa

Este conto é narrado em primeira pessoa e logo vemos que se trata de um exorcismo, uma mulher que tem voz através de algo que toma conta de seu corpo.

Gostei de como a autora conduziu a história e do seu fim que nos deixa pensando... Um ótimo início para antologia

Mau cozinheiro, bom prato, de Matheus Ruppel

Este conto também é narrado em primeira pessoa, pelo homem que aceita participar de um reality de culinária, desses como MasterChef, mas mais para um Round 6. Há muitas bizarrices no cenário e nos próprios jurados, que usam máscaras teatrais. Há canibalismo e partes de corpos destrinchadas. Quem será que sairá vivo?

O esqueleto ambulante, de Amanda Leonardi

É narrado em primeira pessoa. E o conto pode ser resumido com uma pergunta do próprio conto: "O que se faz quando se encontra um esqueleto em casa no meio da noite?", pois esse é exatamente o problema que temos aqui. Mas parece que o personagem, primeiramente, aceita muito bem o fato de ter um esqueleto sentado numa poltrona, confortavelmente perto de uma estante de livros. Um dos contos favoritos, sem exageros, claro e rápido de se ler.

Estrela da manhã, de Jéferson Alves

Esse conto mostra o desespero de um pai viúvo para cuidar de seu bebê de três meses. O pai acompanha o filho durante o internamento e passa a ouvir vozes.

Por ter passado recentemente bastante tempo em hospital, lembrei de como não é um lugar agradável, é pior ainda para um bebê. Um conto que faz pensar. Destaque para os nomes dos personagens e o título do conto.

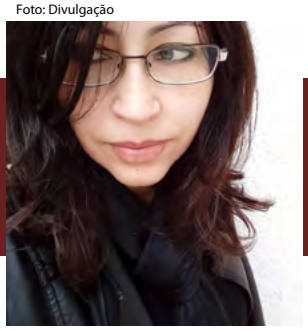
Um bosque chamado e Solidão, de Brenda Bernsau

O conto que fecha a seleção. Ingrid não vê a mãe há sete anos, por isso foi visitá-la quando a mulher já estava de cama. Desesperada ela e sua amiga Fabíola correm até a curandeira dona Maria, que as faz entrar no bosque Solidão, a fim de conseguir uma planta específica para um remédio. Aí começam os problemas, depois a doente precisará sempre dessa tal planta, mas apenas uma vez poderá ser colhida.

O texto de orelha ficou por conta de Ismael Chaves, que conta um pouco sobre como os contos foram selecionados no texto ele diz que "dez talentosos escritores que exploram seus piores medos e oferecem aos fãs do gênero um cardápio repleto de horror"

Um livro de bolso com belas ilustrações que chamam a atenção e nos convidam a ler. Recomendo a leitura para fãs do gênero e quem busca conhecer novos autores que se destacam e ganham espaço na literatura fantástica.

Foto: Divulgação



* Autora dos livros juvenis O menino que perdeu a magia, Um segredo de Natal e Histórias de Fantasia, pela Editora Estronho, e de diversos contos de horror. Escreve resenhas também na revista Mestres do Terror e no site becodonunca.com.br.

COMO PUBLICAR NA REVISTA PARANHANA LITERÁRIO

Nosso objetivo é divulgar novos escritores/artistas e produções por meio de publicações bimestrais gratuitas. Os autores não receberão remuneração pela publicação de suas obras, pois a revista e/ou site não visam ganho comercial com a publicação.

A escolha das obras selecionadas será determinada pela comissão editorial.

A comissão editorial é constituída por pessoas com ampla formação em áreas voltadas ao conhecimento literário.

Somente podem participar pessoas com mais de 18 anos. Menores precisam encaminhar autorização assinada pelo responsável.

A revista poderá armazenar as obras selecionadas para uso em uma das duas edições subsequentes.

No ato do envio, o autor concorda em ceder os direitos de reprodução e divulgação da sua obra para a revista Paranhana Literário, exclusivamente para publicação na revista e divulgação desta.

A revista Paranhana Literário publicará a obra selecionada em apenas uma edição, em formato digital, também poderá usar nas redes socias de divulgação da revista, sempre respeitando o acordo de não lucrar sobre as obras publicadas.

O autor autoriza a revista Paranhana Literário a realizar correções gramaticais na obra, contanto que objetivem a correta utilização da língua portuguesa. Caso haja necessidade de alterações de conteúdo e/ou forma, um editor da revista entrará em contato para discuti-las.

O autor declara que sua obra é original e se responsabiliza por qualquer ação judicial que possa ser movida contra ele, isentando a revista Paranhana Literário e seus representantes de qualquer responsabilidade.

É vetada a utilização de personagens ou fatos reais que tipificam crimes contra a honra e os direitos humanos.

Serão aceitas somente produções originais. Releituras serão aceitas apenas se produzirem um resultado criativo e original.

Não há limite de quantas obras um mesmo autor pode enviar, no entanto, somente uma obra de cada autor será selecionada e publicada por edição.

A Revista Paranhana Literário não entrará em contato com autores informando se o texto foi ou não aceito ou por quais motivos algum texto não tenha sido aceito.

TAMANHO E FORMATO:

Os critérios primários de avaliação PARA CONTO, CRÔNICAS e POESIAS são: enredo (verossimilhança, coerência, objetividade, complexidade de trama e personagens), ritmo (coesão, parágrafos e períodos) e criatividade (originalidade, construção de mundo, imprevisibilidade). Os secundários são: adequação ao gênero proposto, foco narrativo, expressão, relevância, gramática, ortografia, reflexão, imersividade.

Os textos devem ser enviados em um único arquivo Word (.docx). O conteúdo de cada arquivo deve ter 1 página para POESIA, até 2 páginas para CRÔNICA e até 2 páginas para CONTO, com todas as margens de 2 cm, na fonte Times New Roman, em tamanho 12 e espaçamento de 1,5.

É necessário uma minibiografia do autor, com até 400 caracteres. Anexar links de contato de divulgação da sua obra (p. ex., Facebook, Instagram, Wattpad, portfólio, blog, Flickr, etc.) e locais de aquisição das obras (caso já tenham livros publicados).

Enviar junto foto do autor em boa qualidade (no mínimo 600 x 540 pixels).

Quer participar da
próxima edição?

ENTRE EM CONTATO:

editor@jm2d.com.br